



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (*1.º grau canónico*)

ANTÓNIO JOSÉ BOTAS CARDOSO

FÉ E DISCIPULADO NO EVANGELHO SEGUNDO JOÃO

Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutor João Duarte Lourenço – orientador,

Prof. Doutora Luísa Maria Varela Almendra – coorientadora

Lisboa
2016

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 2 |
| I CAPÍTULO – A temática da Fé no Evangelho segundo João..... | 5 |
| 1.1 – Uma primeira percepção da Fé | 5 |
| 1.2 – A Palavra como origem e objeto da Fé | 11 |
| 1.3 – Jesus como conteúdo da Fé | 14 |
| 1.4 – Expressões de Fé | 15 |
| 1.5 – O fundamento da Fé | 17 |
| 1.6 – O efeito da Fé | 19 |
| Conclusão..... | 21 |
| II CAPÍTULO – Testemunhos textuais da relação Fé-discipulado..... | 22 |
| 2.1 – O dinamismo do discipulado em João..... | 22 |
| 2.1.1 – “Permanecer” em Jesus, como estrutura do discipulado..... | 25 |
| 2.1.2 – “Conhecer” Jesus, como estrutura do discipulado..... | 29 |
| 2.2 – Analogia entre “seguir” e “crer”: termos que estreitam o discipulado e a Fé | 34 |
| 2.3 – “Ver” Jesus, como dinamismo da experiência de Fé do discípulo..... | 39 |
| 2.4 – “Vi o Senhor” e “Vimos o Senhor”, como expressão plena da Fé dos discípulos no encontro com o Ressuscitado..... | 45 |
| Conclusão..... | 47 |
| III CAPÍTULO – Os discípulos como protótipos de Fé..... | 49 |
| 3.1 – O Discípulo Amado..... | 51 |
| 3.2 – Simão Pedro | 54 |
| 3.3 – Maria Madalena | 56 |
| 3.4 – Nicodemos | 58 |
| 3.5 – Tomé, chamado gémeo | 60 |
| 3.6 – Maria, a “Mãe de Jesus”, Modelo principal de Fé e discipulado..... | 63 |
| Conclusão..... | 66 |
| IV CAPÍTULO – A comunidade cristã no dinamismo da Fé joanina..... | 68 |
| 4.1 – Imagens joaninas sobre a Igreja | 71 |
| 4.2 – A Igreja e o mundo..... | 74 |
| 4.3 – Discipulado e Fé na Igreja hoje, no dinamismo da unidade | 77 |
| Conclusão | 78 |
| CONCLUSÃO..... | 80 |
| BIBLIOGRAFIA | 83 |
| SIGLAS | 87 |

INTRODUÇÃO

O ponto de partida de todo o pensamento teológico é a fé. A teologia nasce dela. É ela, como dom e graça de Deus para o homem, a força que desperta a necessidade da sua própria compreensão. Não há fé verdadeira sem conhecimento, sem procura. A fé cresce se é alimentada. Alimentar a fé é a realidade mais intrínseca do próprio dinamismo do crer. O dom de Deus reside justamente nos dois processos onde a fé acontece: no recebimento por graça de Deus e no crescimento por inspiração e obra Suas.

Compreender a fé implica experiência, relação e partilha com Aquele que a concebeu e a concedeu. Como disse o Papa João Paulo II, “*foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de O conhecer a Ele, para que, conhecendo-O e amando-O, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio*” (texto de abertura da Carta encíclica *Fides et Ratio*, de 14 de Setembro de 1998).

Este desejo de Deus e esta procura da Verdade, que só é possível n’Ele, é a fé em ato, isto é, o crer como dinamismo de relação entre Deus e o homem; este capaz de Deus por causa d’Ele. A fé é, portanto, uma experiência com Deus, que Se deixa experimentar, e, conseqüentemente, uma experiência que se dá em todas as dimensões da existência humana.

A fé, no Evangelho de João, é, com clareza, apresentada como um ato de comunhão, relação, acolhimento e seguimento de Jesus Cristo, o enviado do Pai. No fundo, ela atinge o seu auge no dinamismo do encontro, do conhecimento adquirido da experiência feita com o Ressuscitado. O crer, que João supõe e apresenta, toca à experiência existencial do homem em relação a Jesus Cristo, o Revelador de um Deus presente no hoje e no amanhã da humanidade. De modo similar ela é apresentada nos sinóticos, que aqui neste trabalho irei, sempre que oportuno, referir.

Todavia, se crer no Evangelho de São João implica relação, poder-se-á afirmar que, neste Evangelho, fé e discipulado entrecruzam-se e dinamizam os contornos da salvação que

o Filho do Homem veio trazer; seguir Jesus e acreditar n'Ele são realidades que se tocam e não se podem separar, pois uma implica a outra, uma sem a outra não é compreendida. Seguir Jesus e acreditar n'Ele são realidades que não se confundem, pelo contrário, se complementam, se justapõem, se harmonizam. O discípulo é antes o crente, o que acolheu o Enviado do Pai, o que permaneceu n'Ele. O crente não é outro senão o discípulo, o que acolheu o Senhor e permaneceu n'Ele.

É justamente a pureza e a beleza do conceito joanino de discipulado, como experiência de um Deus que, enquanto Palavra, veio “armar a sua tenda” (cf. Jo 1, 14) entre nós, que me faz escolher este tema, para a dissertação final do Curso de *Mestrado Integrado em Teologia*, pela Universidade Católica Portuguesa. Ao investigar o tema da *relação entre fé e discipulado*, no Evangelho segundo João, estarei a acrescentar e a aprofundar os conhecimentos adquiridos no Curso de Teologia e, para além disso, estarei a discursar sobre dois temas que me causaram e provocaram um certo fascínio, em especial dentro do Evangelho de João. Para isso, pretendo debruçar-me sobre este Evangelho, tendo como ponto de partida estes dois pontos, fé e discipulado, que julgo serem pertinentes, em meio a tantos outros temas joaninos, e chegar a uma conclusão para uma coerente vivência da fé enquanto discípulo de Cristo e membro da sua Igreja.

O Evangelho segundo João despertou sempre em mim um grande interesse por conhecer mais a sua estrutura e teologia. Estes dois pontos permitem, de alguma forma, uma leitura mais atenta e completa da obra joanina, fazendo-me encarnar o Evangelho e encaixar o tema da fé, que lhe é tão peculiar, na espiritualidade cristã e também na vivência pastoral.

Tudo, neste Evangelho, gira em torno da ideia da Revelação de Deus em Jesus Cristo e da fé que é exigida a todo aquele que reconhece n'Ele o «enviado do Pai»; e tudo o que foi escrito, e deixado como testemunho pelo quarto evangelista, quer levar o leitor à fé (Cf. Jo 20, 31), que compreende o acolhimento e o seguimento de Jesus e tem como consequência a Vida Eterna.

Assim, pois, nesta dissertação procurarei desenvolver, tendo sempre o Evangelho segundo João como ponto de partida, o dinamismo da fé vivido no seguimento de Cristo. Para isso, num primeiro momento, farei uma análise atenta das abrangências do «crer» no Evangelho joanino, evidenciando a compreensão e o significado teológico sobre este tema. Num segundo momento aplicarei o mesmo método de pesquisa sobre o discipulado, procurando perceber a visão joanina de como o crente se torna crente, na medida em que acolhe e segue Jesus, o Ressuscitado, o Enviado do Pai. Então, passarei para um terceiro momento, onde trarei algumas personagens do Evangelho segundo João, realçando o modo como o autor realça a fé deste ou daquele discípulo, dando assim pistas ao leitor de como deve ser a fé daquele que segue Jesus. Veremos que o Evangelho de São João constantemente enquadra e conjuga Fé e Discipulado, ainda que use várias expressões, que no fundo querem dizer o mesmo. Um último capítulo será uma breve aplicação à eclesiologia e à vida pastoral. Será forçoso encaixar estes temas, que se unificam, no contexto atual dos crentes de hoje e na vida da Igreja.

O Evangelho de São João, designado como o Evangelho da Fé, e com razão, tem em toda a sua narrativa, como fio condutor, a aceitação de Jesus por parte dos muitos interlocutores, que acolhem o seu ensinamento, veem os sinais e seguem-n'O.

Seguir Jesus e acreditar n'Ele, para o discípulo, é este o caminho.

I CAPÍTULO

A temática da Fé no Evangelho segundo João

Encontramos no Evangelho de João uma mensagem densamente teológica sobre a fé. E porque acreditar em Deus implica sempre uma relação e comunhão com Ele, esta mensagem joanina dá-nos uma nova dimensão acerca do Pai¹. O Pai, intimamente unido ao Filho, revela-se ao mundo na medida em que Jesus também se revela como o Filho, como o Enviado do Pai. Une-se ao Pai quem se une ao Filho, porque o Filho desde o início está unido ao Pai. É justamente desse entendimento, da fé como relação-comunhão com Deus, que se pode concluir que João tem por base a fé, ao tratar do tema como ela é entendida no Antigo Testamento. Porém, no Evangelho de João, crer em Deus ganha uma nova perspectiva em Jesus e principalmente depois da sua Ressurreição. Mas tentemos abranger outros prismas.

1.1 – Uma primeira percepção da Fé

A fé bíblica, na sua denominação vétero-testamentária e no seu aproveitamento e assimilação no Novo Testamento, é um ato complexo. Ela não pode ser considerada, e assim reduzida, apenas como um ato pelo qual a inteligência adere às definições das suas relações com Deus. Não está em causa, portanto, apenas o movimento do homem para Deus. Ela, todavia, envolve o homem na sua totalidade. Ela coloca o homem perante a riqueza divina, perante Deus que se revela; coloca-o diante da sua face². Tanto no Antigo como no Novo Testamento crer significa uma adesão que implica antes uma ação de Deus, uma revelação sua, uma aproximação d'Ele. Aqui, nem Deus nem o homem são passivos. Ambos são sujeitos ativos nesta trama a qual chamamos fé. Deus revela-se. O homem contempla-O, permanece n'Ele, crê e, todavia, se compromete. Portanto, o homem não está numa atitude

¹ Cf. J. LOURENÇO, “Itinerários Bíblicos da Fé”, in AA. VV, *A Fé da Igreja*, Paulus, Lisboa, 2014, 117.

² Cf. L. MONLOUBOU; F. M. DU BUIT, *Dicionário Bíblico*, Vozes, 2ª Edição, Aparecida-SP, 2003, 286.

inativa e muito menos numa hiperatividade fiducial. E Deus, por sua vez, é protagonista, objeto e objetivo no contexto da fé bíblica, porque se dá e se deixa encontrar, se deixa conhecer, quis entrar na vida do Homem.

O Antigo Testamento não contém um termo específico ou técnico para a nossa noção de «crer». O ato de crer, a fé em si, naquele contexto, é designado pelo vocábulo *he'emin*, forma *hiphil* do verbo *'aman* (ser sólido, estar firme, estável, seguro). As várias formas verbais significam ser sólido, inabalável, digno de confiança, verdadeiro, autêntico; e também reconhecer que alguém é digno de fé, que uma palavra é verdadeira (ou o contrário, Gn 45, 26)³. Crer em Deus, então, pelo prisma do Antigo Testamento, significa dizer-lhe *amen*, estar seguro da verdade que vem d'Ele, de modo que a própria existência se enraíze totalmente n'Ele. Crer é algo que define a identidade de Israel enquanto povo. Mais ainda, a fé daquele povo estabelece os seus membros numa relação com Deus. Tal relação compreende todo o homem, na globalidade do seu comportamento exterior e da sua vida interior. Nesta lógica, crer, no Antigo Testamento, tem o sentido de refugiar-se, tender para, confiar, esperar, encontrar refúgio, ter temor. Estas são expressões que em conjunto permitem ao povo bíblico uma ideia aproximativa da fé⁴. Contudo, crer para o povo de Deus também é, e isto torna-se claro e é bem acentuado no Antigo Testamento, afirmar a fidelidade de Deus, com plena confiança n'Ele, aceitando os seus mandamentos (cf. Dt 9, 23; Sl 119, 16)⁵.

Em breves palavras, podemos dizer que a fé é um dom de Deus que envolve uma entrega total do homem, de toda a sua pessoa. Ela instala-se no ser humano como a resposta vivencial às questões e tendências mais profundas que vêm da verdade definitiva e do bem pleno que é Deus. Contudo, se no Antigo Testamento a fé no Deus de Israel funda-se no braço forte de *Iahweh* que salva o seu povo, a fé do Novo Testamento surge do encontro com Deus que se manifesta como o Homem forte em Jesus Cristo. A fé em Cristo fundamenta-se no

³ Idem, 286-287

⁴ Cf. R. FISICHELLA, *A fé como resposta de sentido. Abandonar-se ao Mistério*, Paulinas, Prior Velho, 2006, 70-73.

⁵ Cf. L. MONLOUBOU; F. M. DU BUIT, *Dicionário Bíblico*, Vozes, 2ª Edição, Aparecida-SP, 2003, 287.

facto de n'Ele Deus se expressar⁶. Em Cristo, portanto, há uma continuidade. Mas há também uma diferença marcante, ao mesmo tempo, no modo como Deus se manifesta e no modo como o homem adere, isto é, no modo como ele crê.

A teologia joanina, por conseguinte, igualmente como os outros livros e teologias do Novo Testamento, trouxe consigo grande influência da tradição do Antigo Testamento. Contudo a sua noção de fé supõe, até certo ponto, a análise do uso linguístico grego e da expressão bíblica correspondente. Todavia, de modo parecido ao que foi dito sobre a fé de Israel, a noção de fé joanina coloca o homem numa adesão englobante, que estrutura a sua identidade enquanto crente. Ela é um dom que o homem acolhe e ao qual se abre⁷. A fé aparece como um «*tender para*», que se dá numa unidade plena e absoluta do autêntico povo de Deus. O Israel verdadeiro realiza-se naqueles que recebem e acolhem, compreendem e assimilam a Revelação de Jesus (cf. Jo 1, 12-13). Os judeus tinham sido constituídos povo de Deus por origem, mas o que nasceu da carne não pode herdar o Reino de Deus – ter nascido do alto, pela fé em Jesus, é o que torna filho de Deus (cf. Jo 1, 12-13; 3, 3-7)⁸. O novo povo de Deus, povo crente, deve nascer do Alto, da experiência do Espírito que sopra onde quer, deve deixar-se libertar pelo novo Moisés.

A fé bíblica, acentuando a vertente antropológica, porque aponta ao ato de fé em si mesmo, mediante a revelação de Deus, é, acima de tudo, *fides qua creditur*. Ela acontece a partir do itinerário que o homem faz rumo a Deus que se manifesta, que se revela. Aquilo que os profetas profetizam, o que eles proclamam como revelação de Deus, estrutura e edifica a fé do povo bíblico. Este, por sua vez, orienta a sua vida sob o domínio de Deus que, ao se revelar, aponta os seus caminhos. Este aspeto antropológico, embora pareça que sim, não recebeu demasiada atenção no Evangelho de João, porque a fé, que ali é acentuada, é adesão estruturante que dinamiza a vida do crente. Em João a atitude crente, o ato de crer, tem como

⁶ Cf. J. A. G. RODRIGO, *El Cristo de la fé frente al Cristo de la ética, Diálogo con José António Marina a propósito de su libro Por qué soy Cristiano*, Secretariado Trinitário, Gráficas Cervantes, Salamanca, 2007, 145.

⁷ Cf. J. LOURENÇO, “Itinerários Bíblicos da Fé”, in AA. VV., *A Fé da Igreja*, Paulus, Lisboa, 2014, 118.

⁸ Cf. R. E. BROWN, *A Comunidade do Discípulo Amado*, Paulus, São Paulo, 2003, 50.

ponto de partida, sempre e indispensavelmente, Jesus, o Revelador, o enviado do Pai. Crer em Deus, verdadeiramente, implica ter fé em Jesus. Não é que a atitude do crente seja passiva, mas depende sempre da permanência em Jesus, da sua pessoa, do encontro com Ele, da visão da sua glória. Ela não surge da revelação como algo externo à pessoa de Jesus. Não é fruto de um esforço meramente humano ou de um sinal vindo de Deus. Ela nasce e efetiva-se no crente a partir da sua intimidade relacional com o Revelador que primeiramente se revelou, foi enviado pelo Pai, que vivia junto d'Ele como Palavra sua, desde toda a eternidade, que é um com Ele (cf. Jo 17, 22). É a própria pessoa de Jesus que efetiva o ato de fé. Este acento na realidade de Jesus, como objeto e conteúdo efetivo do «crer», fundamenta o dinamismo da fé como *fides quae creditur*. A vertente humana da fé aparece quase que à margem do dinamismo do crer joanino. A fé, em João, é dogmática, fundada num conhecimento, no objeto desse conhecimento, enquanto dinamismo de relação com o Jesus pleno, integral, que foi acreditado, ouvido, tocado, visto e contemplado (cf. 1Jo 1, 1)⁹. Ela encontra a sua razão no encontro com Jesus Ressuscitado.

Apesar do dinamismo da fé no Evangelho de João mostrar a superioridade do seu objeto (Jesus) em relação ao seu sujeito (crente), «crer» é sempre uma resposta ativa, dinâmica e consolidada que o homem (interlocutor) dá a Jesus, quando O procura e O acolhe. Jesus é o objeto e o fundamento verdadeiro e estruturante do dinamismo do crer joanino. Assim, João acentua, dando maior ênfase, o movimento de Deus, Revelado em Jesus, em relação ao crente. Talvez aqui se fundamente o facto de o autor nunca usar o substantivo «πιστις»¹⁰, que poderia denotar a fé como um conceito, algo pronto, uma doutrina, um dado adquirido, uma conquista, algo que sugere um movimento interior. Pelo contrário, João utiliza sempre o verbo «πιστεύω», que implica, e facilmente é compreendido, um dinamismo interno e profundo, onde Jesus, em toda a dimensão e estrutura da sua mensagem, e também o homem

⁹ Cf. J.-O. T. VANCELLS, *Jesús y el evangelio en la comunidad juánica. Introducción a la lectura cristiana del evangelio de Juan*, Sígueme, Salamanca 1987, 111-112.

¹⁰ Este substantivo encontra-se com facilidade nos Sinóticos e nos escritos paulinos enquanto João só utiliza o verbo.

são as personagens principais desse processo interativo de adesão estruturante. E é, de facto, aqui, no que toca à interação e atividade que o verbo inspira, que o homem deixa de ser simplesmente alguém que recebe, acolhe e acredita passivamente e torna-se parte do cenário. Assim ele atua como personagem coadjuvante no processo da fé, dando sempre a primazia ao Filho de Deus, Verbo feito carne, que veio morar entre os homens.

O “ato de acreditar” marca a identidade do Evangelho de João e leva o leitor à fé, pois trata-se de um texto “em ordem de acreditar”¹¹. A riqueza do dinamismo da fé no Evangelho segundo João reside na descoberta, no acolhimento e no seguimento da Palavra de Deus que se encarnou. Descobri-la, acolhe-la e segui-la é acreditar. Trata-se de uma decisão fundamental daquele que conheceu o Filho de Deus, o Enviado do Pai, unido a Ele intrinsecamente, pois quem vê o Filho vê o Pai.

Como vimos até aqui, é fácil concluir que a fonte do «crer», no Evangelho de João, é Jesus. A origem da fé não se apoia numa obra humana ou no fruto de um trabalho apostólico. É o próprio Filho de Deus que, conduzindo os homens, atraídos pelo Pai, para além dos limites do mundo, os conduz à fé, num dinamismo que só é possível através de um consentimento livre e alegre. Sem um impulso prévio da parte d’Ele, sem o convite “vinde e vede”, sem uma Palavra sua, sem a atração do Pai, sem um encontro com Ele, a fé não é possível nem efetiva. No Evangelho, João situa o homem ante o dom de Deus (cf. Jo 6, 44). Os que creem em Jesus tornam-se filhos de Deus pela vontade do Pai (cf. Jo 1, 12-13). Aliás, a fé é um dinamismo de encontro cuja iniciativa pertence ao Pai¹², que enviou o seu Filho. Crer em Jesus, portanto, é «entrar no mistério divino» e tal não é possível sem a prévia permissão de Deus. Por isso é que, em Jo 6, 44, João sublinha a necessidade da intervenção do Pai na origem da fé¹³. O Pai é a origem da fé, contudo, quem vê Jesus vê o Pai (cf. Jo 14, 9). Jesus é o rosto visível do Pai que atrai os homens para a experiência da fé.

¹¹ Cf. J. LOURENÇO, “Itinerários Bíblicos da Fé”, in AA. VV, *A Fé da Igreja*, Paulus, Lisboa, 2014, 119-120.

¹² Cf. G. REYNAL, *Crer em Jesus Cristo. Os caminhos da fé*, Gráfica de Coimbra, Coimbra 1997, 185.

¹³ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Lectura del Evangelio de Juan. Jn 5 – 12*, Vol. II, Sígueme, Salamanca 2000, 123.

É notório, percorrendo o Evangelho, que existe uma estreita relação entre a atração de Deus e o seu ensinamento através do seu Filho. Esta atração é, por assim dizer, uma realidade rica e dinâmica, que faz gerar uma relação fundamentada na comunhão de vida. O Pai está intimamente unido ao Filho e esta união é, em si mesma, o polo atrativo. Esta unidade entre o Pai e o Filho aparece com mais evidência em João 12, 32, onde o sujeito que atrai, no processo do encontro e da fé, é o próprio Jesus¹⁴. Ele é a origem da fé e ao mesmo tempo o seu objeto. Assim, «crer», no Evangelho de João, começa como um dom de Deus Pai (cf. Jo 6, 37; 6, 44), mas sempre na sua relação com o Filho¹⁵.

Para o Evangelista, o que estabelece o homem «crente» é o que o Evangelho aponta como «*ser atraído*» (pelo Pai cf. Jo 6, 44; 12, 32), «*ser ensinado*» (pelo Pai – cf. Jo 6, 44; pelo Espírito – cf. Jo 14, 26; pelo Espírito que ensina o que ouviu de Jesus – cf. Jo 16, 13b; pelo próprio Jesus – cf. Jo 7, 17; 12, 49-50) e «*ser conduzido*» (pelo Espírito de Jesus cf. Jo 16, 13; 14, 26). E, ainda, o que integra, definitivamente, o homem como crente é o dom do Espírito (Jo 7, 39). Este é um dado primordial na descrição da fé segundo o Evangelho de João¹⁶.

Tudo isto indica um aspeto profundo e radical da atitude daquele que crê: o homem, bem mais que indivíduo do ato de fé, parece ser o objeto do mesmo. Objeto do ato de crer, entenda-se. Torna-se claro então que a fé não indica, como lembra o teólogo W. Kasper, «*um assentimento categorial a certas verdades supra-rationais, mas a opção fundamental de abandonar-se a essa dimensão do mistério divino e de entender e sustentar nela a vida, o mundo, o homem e a história*¹⁷». No fundo, trata-se do homem deixar-se colocar estupefato perante a grandiosidade daquele que se lhe revela. É que Deus, em antecipação ao crente, surge como o autor de todo o ato de fé. Ele é o «autor» e, ao mesmo tempo, «consumador» da

¹⁴ B. S. SANTOS, *Fé e sacramentos no Evangelho de São João*, Editora Santuário, Aparecida, 1995, 64-65.

¹⁵ «*Todos os que o Pai me dá virão a mim*» (Jo 6, 37).

¹⁶ J.-O. T. VANCELLS, *op. cit.*, 115.

¹⁷ W. KASPER, *El Dios de Jesucristo*, (Trad. espanhola de *Der Gott Jesu Christi*), Sígueme, Salamanca 2005, 145.

fê. Em João isto é claro: «Autor», porque ela surge daquilo que Jesus Cristo, o Enviado do Pai, deu a conhecer (cf. Jo 1, 18), «consumador», porque Jesus, o Filho, o que está unido ao Pai e Ele e o Pai são um só, a confirma, mediante os seus milagres e as suas obras (cf. Jo 14, 11). Ela, enquanto virtude teologal, dom interior de Deus, é graça que atua no centro das faculdades humanas, tornando-as aptas a alcançar verdades que sem a ajuda de Deus seriam intangíveis¹⁸. E, no processo da fê, a Palavra de Deus, efetivada em Jesus, é a ajuda fundamental.

1.2 – A Palavra como origem e objeto da Fé

Vimos já que a fê é uma adesão radical e dinâmica. Constatámos também que, em João, a atitude fundamental e fundadora é a de Deus, em Jesus e pelo Espírito, que, no processo da fê, atrai, assimila e estrutura o crente na sua nova condição de ser. Por isso, o que aqui se dá, é que mais que «conformar-se» é o «ser conformado» que se vislumbra no «crer» joanino. O objeto da fê é superior ao seu sujeito, o crente, o que supõe uma verdadeira e dinâmica inversão de valores. Por muito paradoxal e complexa que possa parecer esta explicação, é a que mais se aproxima do que João entende por «crer»: dinamismo de encontro com Aquele que foi enviado pelo Pai, está unido intrinsecamente ao Pai, e por mandato do Pai resgata e recobra a vida à humanidade decaída, no seu próprio recobro pela Ressurreição.

Contudo, a possibilidade da fê, do ato de crer como resposta do homem, vem ao de cima no Evangelho, e encontra relevo, pelo simples facto de que Jesus se volta constantemente e de forma resoluta a todos os ouvintes¹⁹, inclusive aos vacilantes (o povo) e até aos incrédulos (os judeus), reivindicando a fê, convidando e convocando, pública e abertamente (cf. Jo 12, 44-50). Mesmo a comunidade dos crentes está chamada a anunciar a

¹⁸ Cf. B. SESBOUÉ; C. THEOBALD, *História dos Dogmas, Tomo 4, A Palavra da Salvação, séculos XVIII – XX*, Edições Loyola, São Paulo, 2006, 102.

¹⁹ Cf. Jo 8, 51; 10, 37s; 12, 36.

mensagem ao mundo e a conquistar novos crentes (cf. Jo 17, 18.20). Salienta-se no Evangelho, dando maior relevo, a responsabilidade da própria decisão e o caráter inflexível e inescusável da incredulidade: quem não crê pronuncia um juízo contra si mesmo²⁰; a incredulidade deve-se à falta de vontade (cf. Jo 5, 40; 7, 17); é um pecado (cf. Jo 8, 21; 9, 41; 16, 9); e, como tal, inescusável (cf. Jo 15, 22.24). E por fim, a capacidade do homem para crer demonstra-se nitidamente pelo facto de que não poucos judeus creram efetivamente, face às contracorrentes de incredulidade e propaganda contrária feita pelos círculos dominantes²¹. Crer é uma atitude que há de levar o homem à exigência indispensável para obter a salvação e o evangelista não tem a menor dúvida de que, para qualquer homem, a fé em Jesus é uma possibilidade²².

O mecanismo do «crer» e o seu dinamismo expressa-se primariamente por meio da aceitação da Palavra. Não é à toa que o Evangelho começa justamente por acentuar a pessoa de Jesus como Palavra Eterna do Pai (Prólogo). Partindo daqui o «*acolher a Palavra*» não pode ser somente uma metáfora. Trata-se daquilo que se pratica na comunidade joanina e o que se pretende no Evangelho. «Acolher a Palavra» é uma dimensão fundamental do mecanismo da fé. É acolher o próprio Deus, pois a Palavra estava n'Ele e era Ele (cf. Jo 1,1). É através do acolhimento da Palavra de Jesus que se faz uma descrição viva e ativa do «crer». Porque se é verdade que Jesus, na sua dimensão corpórea, estava ausente na comunidade onde o Evangelho foi escrito, ali, Ele, pela sua palavra, permanecia vivo e presente. Acolher a Palavra de Jesus é acolher a Jesus (cf. Jo 5, 43-44, onde acolher a Jesus é igual a crer; e Jo 12, 48, onde não acolher as palavras de Jesus equivale a não crer). E ainda hoje é assim para todo o cristão que escuta o Evangelho e o pratica. Jesus é, por assim dizer, o ausente presente através da sua Palavra. Era-o no contexto onde o Evangelho foi escrito, é-o hoje.

²⁰ Cf. Jo 3, 18.36; 8, 24 cf. 8, 26; 12, 48.

²¹ Cf. Jo 6, 69; 7, 31; 8, 30s; 9, 38; 10, 42; 12, 42; 17, 8.

²² Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio según San Juan*, Versión y Comentario, II, (Trad. espanhola de *Das Johannesevangelium*), Herder, Barcelona, 1980, 327-328.

Assim, o Evangelho serve para ser Palavra viva que propõe o dinamismo integrador da fé. A Palavra de Jesus é a Palavra que «*julga*» (cf. Jo 12, 48), «*purifica*» (cf. Jo 15, 3), «*liberta*» (cf. Jo 8, 31-32) e introduz o crente na casa do Pai (cf. Jo 8, 35; 14, 2). Ela permanece no crente e este permanece nela (cf. Jo 5, 38); é a que conforma e compõe a sua vida (cf. Jo 8, 37.43)²³. A confissão de Pedro (cf. Jo 6, 68-69), por exemplo, diferentemente dos paralelos sinópticos, que indicavam a percepção dos discípulos sobre a messianidade de Jesus, faz referência, pura e simplesmente, à Palavra de Jesus (cf. Jo 6, 63). A fé dos Doze é fundada nas palavras de Jesus e não apenas nos sinais que revelam a sua messianidade. A advertência de Jesus sobre o «*crer*» encontra o seu foco no «*escutar a sua Palavra*» (cf. Jo 8, 43), «*aceitar o seu testemunho*» (cf. Jo 3, 11.32.33) e «*permanecer na sua Palavra*» (cf. Jo 8, 31.37.43 e outros textos semelhantes (cf. Jo 2, 22; 4, 41; 4, 50; 5, 24)). Há uma intensa relação entre Jesus e a sua Palavra no dinamismo do «*crer joanino*» e na fé como ela é entendida hoje no contexto cristão. Em João, propriamente, a Palavra ou está relacionada à fé (cf. Jo 4, 41; 5, 24; 8, 31.37.43) ou ao crente (cf. Jo 8, 51.52; 14, 23-24; 15, 20)²⁴. Torna-se, aqui, claro e verdadeiro afirmar, como a Igreja hoje afirma, que a fé, no coração dos fiéis, é fecundada e alimentada pela Palavra da Salvação²⁵. A fé impõe, determinadamente, essa correlação, afinidade interior do homem com o conteúdo, de Verdade e Santidade, encerrado na Palavra de Jesus²⁶.

A fé, portanto, tem na sua origem o acolhimento do Filho de Deus e da sua Palavra. Dito de outra forma, tem como origem e objeto eficiente o Jesus-Palavra e a Palavra de Jesus. O prólogo do Evangelho testemunha assim a própria eficácia da Palavra de Jesus, testemunhando que Ele é o Verbo (Palavra) de Deus, que é Deus em Si mesmo (cf. Jo 1,1). Portanto, se a Palavra é Deus, a sua eficácia, quanto objeto eficiente da fé, é indiscutível.

²³ Cf. J.-O. T. VANCELLS, *op. cit.*, 120-122.

²⁴ Cf. J.-O. T. VANCELLS, *op. cit.*, 120-122.

²⁵ Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Presbyterorum Ordinis*, nº 4: *Sobre Decreto o Ministério e a Vida dos Sacerdotes*, Editorial A. O., Braga, 1992, 319.

²⁶ C. JOSAPHAT, *O Evangelho da unidade e do amor*, Livraria Duas Cidades, São Paulo, 1966, 194-195.

1.3 – Jesus como conteúdo da Fé

O conteúdo do «crer» joanino, como já sabemos, não é uma fórmula abstrata, não é uma doutrina, mas é a própria pessoa de Jesus na sua relação com o Pai (cf. Jo 1, 14.18) e a sua obra soteriológica (cf. Jo 3, 16-17) e, por conseguinte, a sua Palavra. Contudo, crer não é uma mera contemplação desta glória de Jesus, porque a contemplação surge inserida no próprio dinamismo relacional da fé. Não é, tampouco, um mero “conhecimento”, “experiência psicológica” ou um “aprimoramento interior”, pois o seu conteúdo é uma Pessoa e o seu dinamismo interno é um mecanismo contemplativo-relacional. Ele é a Palavra credível. A fé joanina revela um dinamismo fundamental de relação e assimilação, pelo poder e pela eficácia do seu conteúdo.

A fé de Marta, por exemplo, – «*Mas, ainda agora, eu sei que tudo o que pedires a Deus, Ele to concederá*» (Jo 11, 22) – aponta mais à própria pessoa de Jesus, à sua relação com o Pai, do que a qualquer tipo de pedido de ajuda, fundamentada no caráter taumaturgo de Jesus. A resposta e a pergunta de Jesus a Marta – «*E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá para sempre. Crês nisto?*» – efetiva a convicção de que a fé tem um conteúdo, que só consiste naquilo que Jesus significa para aquele que crê. A relevância da fé não está na força da mesma como tal, mas na comunhão com Jesus. A confissão de Marta²⁷, como a de Pedro²⁸, é uma confissão messiânica em pleno sentido cristão. Marta expressa a sua fé firme (cf. Jo 11, 27 - *πεπίστευκα*)²⁹ com os mesmos termos que emprega o evangelista no final do livro, face à fé cristã que pretendeu (cf. Jo 20, 31). O atributo messiânico mostra que a esperança judaica se realizou em Jesus. O segundo título adjunto – «*Filho de Deus*» – eleva a interpretação cristã do messianismo sobre a perspectiva judaica, afirmando que a messianidade

²⁷ «Ela respondeu-lhe: ‘... eu creio que Tu és o Cristo, o Filho de Deus que havia de vir ao mundo’» (11,27).

²⁸ «Nós acreditamos e sabemos que Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo» (6, 69).

²⁹ Πεπίστευκα – «Eu creio firmemente», no perfeito – εὖω; e, «ὄ... ἐρχόμενος», representando no imperfeito, «Aquele que estava para vir»; ou em alternativa de tradução, «Aquele que está para vir» como uma expressão fixa e termo técnico em relação ao Messias esperado – Cf. M. ZERWICK, M. GROSVENOR, *A Grammatical Analysis of the Greek New Testament*, Editrice Pontificio Istituto Biblico, Roma 1996, 320-321.

de Jesus transvaza toda a esperança do povo eleito e põe em evidência a Sua peculiar união com Deus³⁰.

Quanto à cristologia aplicada no Evangelho, enquanto conteúdo efetivo da fé, não parece que João dê, ao longo da obra, um progressivo aprofundamento. João é categórico. Não encontramos diferença alguma entre o objeto da confissão comunitária do começo do Evangelho – «... *E nós contemplamos a Sua glória, a glória que possui como Filho Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade*» (Jo 1, 14b) e o da confissão de Tomé no final da narração – «*Tomé respondeu-lhe: 'Meu Senhor e meu Deus!'*» (Jo 20, 28). O reconhecimento de Jesus como Deus encontra semelhanças no prólogo (cf. Jo 1, 18 cf. 1, 1) e no epílogo (cf. Jo 20, 28). E esta confissão é o que constitui o âmago da identidade de Jesus, segundo João. Aliás, todas as confissões no Evangelho são uma exposição narrativa e plástica da realidade do Jesus, presente e vivo na comunidade e, neste sentido, o que o evangelista expõe é uma autêntica e legítima cristologia. A dissertação cristológica que temos no Evangelho é a que compreende o Jesus acreditado e confessado como Senhor e Deus, que se evidencia pela narração da fé e das confissões da comunidade joanina, que se dirigem ao Jesus exaltado e pré-existente, mas também ao Jesus terreno³¹.

Jesus é, pois, acreditado e confessado no Evangelho a partir do ponto de apoio da sua relação com o Pai. Enquanto Jesus terreno, exaltado e pré-existente (cf. Jo 17, 5), Ele está sempre em estreita cumplicidade com o Pai. Os crentes, da mesma forma, no dinamismo da fé, são inseridos no dinamismo *agápico* dessa relação (cf. Jo 17, 22-23).

1.4 – Expressões de Fé

Outro aspeto da fé joanina é a sua notável e vincada orientação à «confissão».

Confessar é um modo imprescindível para se expressar a fé.

³⁰ Cf. R. SCHNACKENBURG, *op. cit.*, II, 410-411.

³¹ Cf. J.-O. T. VANCELLS, *op. cit.*, 87-94.

O verbo ὁμολογέω, com sentido de “confessar”, não é constante no Evangelho de João (aparece em Jo 1, 20, acerca de João Baptista; fora disto, só em Jo 9, 22; 12, 42); porém, ouvimos com bastante frequência confissões efetivas, nas quais a fé é manifestada. O evangelista dá especial relevância às confissões de indivíduos particulares, como Natanael em Jo 1, 49, Simão Pedro em Jo 6, 68-69, o cego de nascença em Jo 9, 38, Marta em Jo 11, 27 e Tomé em Jo 20, 28. Também há confissões coletivas referidas no Evangelho, como a dos habitantes de Sicar em Jo 4, 42, como a dos galileus depois da multiplicação dos pães em Jo 6, 14. As confissões assumem um carácter primordial na exposição da identidade de Jesus, porque evidenciam e efetivam o conteúdo da fé. Aliás, é notório que a fé, ou a sua vivência, está orientada íntima e profundamente à confissão. Esta é a forma mais peculiar de expressar a evidência do crer. A fé n’Aquele que foi enviado pelo Pai, é, por assim dizer, uma fé de confissão cristológica³². Não confessar é o mesmo que não crer.

Porque confessar Jesus como Deus, Filho Unigénito em relação com o Pai, é um ato necessário tanto para a «aquisição» da fé, quanto para a sua edificação, então, podemos afirmar que a confissão forma parte, estritamente necessária, da verdadeira estrutura da fé. Confessar Jesus como Messias, como Filho de Deus, não é uma fórmula superficial, meramente verbal. Constitui uma parte da mesma fé (cf. Jo 12, 42). A confissão é um aspeto constitutivo do «crer» joanino, porque a identidade de Jesus, fundada na relação efetiva e afetiva com o Pai, que é o conteúdo da mesma fé, desponta no Evangelho a partir da própria confissão dos seus interlocutores. Sem esse dinamismo confessional a identidade de Jesus seria enigmática e intangível. Na medida em que não vai acompanhada da confissão, fica ancorada no passado e Jesus torna-se naquele que é natural de Nazaré, que veio da Galileia, cujos pais conhecemos (cf. Jo 6, 42).

Diante das expressões de fé que o Evangelho apresenta (a de Marta, Pedro, dos apóstolos, de Tomé, do cego de nascença, etc), surge-nos o Jesus que é sempre «acreditado» e

³² Cf. R. SCHNACKENBURG, *op. cit.*, 551.

«confessado». João apresenta Jesus, na listagem das confissões que exhibe, com um verdadeiro património de títulos cristológicos. As confissões expressam, denunciam e confirmam o conteúdo do «crer» verdadeiro e necessário. O prólogo, contendo a confissão de Jesus como ser pessoal junto de Deus e Deus em si mesmo (cf. Jo 1,1.18), torna-se um verdadeiro hino cristológico³³. Ligadas ao prólogo, todas as confissões que o Evangelho categoricamente apresenta, manifestam o Jesus plenitude e fazem a mais perfeita cristologia.

1.5 – O fundamento da Fé

O processo para o crer verdadeiro e consciente, indicado no Evangelho joanino, obriga a um empenho incessante que facilita e possibilita a superação do mundo da experiência, a fim de invadir o mundo da fé. O que o evangelista indica como ato essencial no processo da fé é o «crer» sem ter visto (cf. Jo 20, 29), ainda que o ver Jesus, enquanto experiência de encontro com o Ressuscitado, seja um aspeto muito bem acentuado na fé que nasce nos discípulos após a Ressurreição. Este «crer», que para aquele que não é contemporâneo do Jesus histórico, não exige o «ver», surge da experiência concreta com o Ressuscitado, que não precisa dos meandros da matéria para se fazer presente, e eleva-se até à comunhão de vida com Ele e com o Pai. Assim, o verdadeiro fundamento do «crer» encontra-se no próprio testemunho de Jesus³⁴, na adesão confiante e total à sua pessoa³⁵. O dinamismo da fé é, assim, um dinamismo que abrange toda a vida daquele que acredita³⁶. Crer em Jesus vivo é colocá-lo na vida. A vida é plasmada por Ele porque não há fé sem experiência do ver e tocar, como testemunha o evangelista a partir da experiência de Tomé (cf. Jo 20, 29). É possível experimentar sem ter visto. Mas a experiência acaba por ser um ver e tocar pela fé.

³³ J.-O. TUÑI; X. ALEGRE, *Escritos joánicos y cartas católicas*, Ed. Verbo Divino, Navarra, 2003, 97-98.

³⁴ Cf. Jo 1, 7; 4, 39.41-42.50; 5, 24.47; 8, 30-31; 17, 20.

³⁵ Cf. Jo 10, 3.16.27; 18, 37.

³⁶ Cf. B. S. SANTOS, *op. cit.*, 66-67.

A fé é um dinamismo que exige um desenvolvimento contínuo, segundo João. Ela não é fixa, reduzida a uma realidade estática, praticamente dada sem exigências e esforços. Ela é um processo, um mecanismo que movimenta, que eleva em ordem ao conhecimento e à assimilação do seu objeto, como afirma Santo Tomás de Aquino. Ela é um «*ato da inteligência, que presta o seu assentimento à verdade divina, por determinação da vontade, movida pela graça*»³⁷. É uma decisão para a vida. Vai acontecendo num processo que estimula, dinamiza e estrutura a vida daquele que crê. Contudo, a fé, acentuada no Evangelho de João, neste prisma não diferentemente dos sinóticos e do Novo Testamento em geral, aparece como o exclusivo ato pedido por Deus, como obra sua que se torna exigente à vida daquele que se encontra com o Filho de Deus (cf. Jo 6, 29). A fé patente no Evangelho de João, contudo, é uma obra, um dinamismo, uma renovação de vida, uma estrutura estruturante³⁸. João não a apresenta de outra forma.

Podemos, pois, designar que a fé é «*um processo*». De facto, da forma como ela aparece vincada no Evangelho, tudo conduz a esta conclusão. Isto está evidente na significação do «crer» em termos de «*ir a Jesus*»³⁹; ou em expressões como “*seguir*” e “*servir*”⁴⁰; no progressivo ato de “ver” Jesus, com o uso específico de termos que crescem na profundidade de significado, o que veremos no próximo capítulo; também em textos muito fortes que destacam uma progressiva introdução do que crê no mistério de Jesus: «*Se permanecerdes fiéis à minha mensagem, sereis verdadeiramente meus discípulos...*» (cf. Jo 8, 31; 15, 7)⁴¹.

Deduz-se claramente, da leitura do Evangelho, que nesta opção por Cristo ocorre algo sempre mais dinâmico. Enquanto dom divino e adesão do homem, a fé é uma exigência constante que gera no discípulo, que acredita, uma tensão entre a realidade e o seu ideal. Crer

³⁷ «*Credere est actus intellectus assentientis veritati divinae ex imperio voluntatis, a Deo motae per gratiam*» (STh II-II, 2,9).

³⁸ Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio según San Juan*, II, Versión y comentario, Herder, Barcelona 1980, 326-327.

³⁹ Cf. Jo 1, 47; 3, 2; 4, 30.40.47; 5, 40; 6, 44-45.65; 7, 37; 10, 41; 12, 19.

⁴⁰ Cf. Jo 1, 37.38.40.43; 6, 2; 8, 12; 12, 26; 13, 36-37; 21, 19.

⁴¹ Cf. J.-O. T. VANCELLS, *op. cit.*, 113-114.

exige do sujeito que se encontra com Jesus um esforço e uma entrega de si mesmo, que faz sentir a distância entre as limitações pessoais e a força que o atrai para Ele⁴². Nos meandros da fé o crente integra-se, sujeita-se e compromete-se com a realidade de Jesus, com a sua pessoa, com a sua Palavra, com a sua vida. Desta forma, o fundamento da fé joanina é sempre o Jesus-Total e o dinamismo, também total, de relação com Ele.

O Evangelho que anuncia a pessoa do Jesus-Pleno é promoção e realização desse dinamismo de adesão estruturante. O crente é confrontado com a possibilidade de acolher ou rejeitar. Por isso, nota-se no Evangelho de João uma tensão constante entre Jesus e os seus interlocutores, que são confrontados com a possibilidade de crer ou não crer n'Ele. A fé que surge após a adesão, no dinamismo da relação com Jesus, tem como fundamento o próprio Jesus. Esta fé tem como matéria a totalidade do seu ser, vislumbrada nos sinais que Ele realiza e efetivada na sua Ressurreição.

1.6 – O efeito da Fé

O «crer» joanino, enquanto dinamismo estruturante da vida do crente, tem uma consequência direta e necessária: a vida eterna. Aquele que crê em Jesus, porque aderiu, decidiu e optou integralmente pela sua pessoa e pela sua mensagem salvífica, possui já, neste mundo, um antegozo da vida eterna⁴³. Em João, a vida eterna não aparece como algo futuro, mas irrompe no presente; ela surge no momento do «crer» efetivo e maduro e autentica o dinamismo estrutural da fé, que vai progredindo no crente. A vida eterna é um bem escatológico que o Jesus joanino oferta e consagra *hic et nunc* aos seus interlocutores no

⁴² Cf. B. S. SANTOS, *op. cit.*, 62-63.

⁴³ Cf. Jo 3, 36a; 6, 40.47; 20, 31; cf. 1Jo 5, 13.

vértice decisivo da fé⁴⁴; pois a vida que Jesus traz ultrapassa, por sua natureza, a existência terrena do homem e prolonga-se até à eternidade⁴⁵.

A vida eterna é, enquanto efeito da fé, no hoje e no amanhã na Glória, o *leitmotiv* dos discursos da revelação de Jesus: «*O que crê no Filho tem a vida eterna*»⁴⁶. É uma vida que surge por causa da fé e não pode acontecer sem ter em conta os seus contornos e o seu foco mais marcado. A vida Eterna é o corolário fundamental e estruturante do dinamismo da fé no Evangelho. A comunhão pessoal com o «Filho», criada pela fé, é o pressuposto essencial da garantia de salvação. Assim, quem se relaciona com o Filho e permanece em comunhão com Ele, pela fé deu um passo decisivo. Ele próprio afiança ao crente um novo nascimento do Alto (cf. Jo 3, 3s), uma vida em Deus, que desanexa do terrível âmbito da morte e conecta imediatamente à vida: «*Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não é sujeito a julgamento, mas passou da morte para a vida*» (Jo 5, 24)⁴⁷.

João não orienta o seu ponto de vista, como em Paulo, particularmente ao futuro escatológico, ao juízo final, no qual o crente fica justificado e salvo definitivamente (ainda que a justificação tenha já efeito e confira uma nova existência em Cristo – (cf. 2Cor. 5, 17), mas alicerça o seu fundamento na condição presente da salvação (ainda que também esta só no final mostre o seu decisivo fulgor – (cf. 1Jo 3, 2). Contudo, esta «escatologia presente» não está em detrimento da ideia do futuro despertar da vida, na ressurreição dos mortos (cf. Jo 5, 29; 6, 39s); João enfatiza a presença dos fatores da salvação, na vida que é comunicada pelo enviado e portador celestial, no ato da fé relacional. A razão teologal desta certeza joanina é o dom do Espírito Santo (cf. Jo 7, 39; 14, 16-17.26-27; 15, 26; 16, 7-11.13-15)⁴⁸.

⁴⁴ Cf. Jo 5, 24; 6, 40; 11, 25-26.

⁴⁵ Cf. B. S. SANTOS, *op. cit.*, 68.

⁴⁶ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Lectura del Evangelio de Juan. Jn 18 – 21*, Vol. IV, Sígueme, Salamanca, 2001, 213.

⁴⁷ Cf. R. SCHNACKENBURG, *op. cit.*, 440-441.

⁴⁸ Cf. J.-O. T. VANCELLS, *op. cit.*, 46.

O efeito da fé é, portanto, a vida eterna “já” recebida, mas “ainda não” realizada na sua plenitude. Desde já, pela fé, o crente vive nos meandros da vida Eterna.

Conclusão

No Evangelho de João, a fé é sempre compreendida como uma experiência com Jesus na própria vida do crente. Segundo o texto de Jo 1, 35-51, esta dinâmica não é meramente racional ou espiritual, no entanto, trata-se de um encontro pessoal entre aquele que crê e o próprio Jesus, como também o seguimento à pessoa e à proposta de Jesus.

Em todo o Novo Testamento percebemos a intenção de enfatizar a centralidade da pessoa de Jesus diante de todas as doutrinas judaicas. Esta tese baseia-se, no Evangelho segundo João, no contexto da cisão definitiva entre judeus e cristãos que ocorria na época. É por isso que a tensão entre os judeus e os que seguiam Jesus pautava-se justamente na aceitação de Jesus como o Messias enviado. Jesus, todavia, apresentava-se como Alguém que está para além das expectativas messiânicas vividas pelos seus coetâneos, por isso não quer ser aclamado Rei (cf. Jo 6, 15).

O processo da fé que João apresenta ao leitor, sugere que cada um faça a sua própria experiência com o Ressuscitado e que permaneça n’Ele. Experimentá-lo e permanecer n’Ele é crer.

II CAPÍTULO

Testemunhos textuais da relação Fé-discipulado

Como vimos até aqui, e não poderia deixar de ser, Jesus é a figura central do Evangelho de João. Outras personagens surgem ali numa relação de exclusividade com Ele. Lembremo-nos de Maria Madalena, Nicodemos, Tomé, o Discípulo amado e Pedro, entre outros. João pouco fala sobre eles senão através de uma constante intimidade com Jesus ao longo do seu ministério e da resposta de fé à sua mensagem de salvação. Cada personagem, à volta de Jesus, é ilustrada com um tipo de reação, com uma tomada de posição, ou servem para que Jesus fale, dê uma resposta, apresente a sua doutrina, fale do Pai, afirme-se como o enviado do Pai. Nesse sentido as personagens funcionam como paradigmas para quem lê o Evangelho, modelos de fé e modelos de discípulos, visto que cada uma, num patamar específico, acolhe ou responde, para que o leitor compreenda que a maturidade cristã reside justamente no encontro com Jesus Ressuscitado e na adesão a Ele. Não há discipulado cristão coerente e consistente que não se fundamente nem se firme no encontro com Cristo.

2.1 – O dinamismo do discipulado em João

No Evangelho, o verdadeiro discípulo é, sem sombra de dúvida, aquele que reconheceu Jesus como seu mestre, que O segue, que aceita a sua doutrina e que se esforça para conformar a sua vida a essa doutrina⁴⁹. Por isso, tanto no Evangelho de João como nos Sinóticos, os apóstolos são chamados de discípulos. Seguir Jesus, ser seu discípulo, é viver em intimidade com Ele, é conhecê-lo, e saber quem Ele é, como confessou Pedro, por ele e pela comunidade dos discípulos: “*cremos e sabemos*” (Jo 6, 69). O “*a quem iremos*” de Pedro revela que não há outro caminho de discipulado senão o que é feito em Jesus e com Ele.

⁴⁹ Cf. L. MONLOUBOU; F. M. DU BUIT, *Dicionário Bíblico*, Vozes, 2ª Edição, Aparecida-SP, 2003, 199.

Sabemos que o Evangelho de João foi escrito no contexto de uma comunidade de discípulos, a comunidade joanina, que vive a maturidade da fé a partir do encontro com o Ressuscitado. Quem lê o Evangelho nota o convite à fé e ao seguimento de Cristo. O objetivo central do Evangelho é o de formar discípulos a partir da fé (cf. Jo 20, 31), que nasce do encontro com Cristo Ressuscitado.

É curioso notar, que no Evangelho de João o chamamento dos primeiros discípulos dá-se, diferentemente dos Sinóticos, durante o ministério de João Baptista (cf. Jo 1, 35-51)⁵⁰. É interessante o facto de ser justamente o testemunho de João a gerar novos seguidores, novos discípulos. A partir daí, o testemunho gera sempre seguimento. João, o Batista, testemunha e aponta Jesus como o Cordeiro de Deus. Dois dos seus discípulos seguem Jesus⁵¹. O nome de André, revelado no Evangelho como um dos dois discípulos de João que seguiram Jesus, tem o seu interesse justamente pelo sentido da palavra *André que* significa ‘humano’. A pessoa humana ao encontrar-se com Jesus e ao segui-l’O torna-se mais humana. O outro discípulo, que estava com André, provavelmente o discípulo amado, não tem nome, pode ser qualquer ser “humano”⁵², qualquer um que tenha um encontro pessoal com Jesus Ressuscitado; qualquer um que se abra à experiência do ir ter com Jesus e ver onde Ele permanece e permanecer com Ele.

O testemunho que os discípulos devem dar no mundo é sinal da comunhão entre Jesus e o Pai. É por isso que os crentes, não sendo do mundo, devem estar no mundo (cf. Jo 17, 14-15) e deixar-se santificar pela verdade (cf. Jo 17, 17). Acreditar, então, significa um ato de

⁵⁰ Cf. C. B. UBIETA, “Os discípulos de Jesus”, in S. G. Oporto (coord), *Actualidade Bíblica*, Difusora Bíblica, Fátima, 2004, 8.

⁵¹ “No dia seguinte, João encontrava-se de novo ali com dois dos seus discípulos. Então, pondo o olhar em Jesus, que passava, disse: «Eis o Cordeiro de Deus!» Ouvindo-o falar desta maneira, os dois discípulos seguiram Jesus. Jesus voltou-se e, notando que eles o seguiam, perguntou-lhes: «Que pretendeis?» Eles disseram-lhe: «Rabi - que quer dizer Mestre - onde moras?» Ele respondeu-lhes: «Vinde e vereis.» Foram, pois, e viram onde morava e ficaram com Ele nesse dia. Eram as quatro da tarde. André, o irmão de Simão Pedro, era um dos dois que ouviram João e seguiram Jesus». – Jo 1, 35-40.

⁵² Cf. J. BORTOLINI, *Como ler o Evangelho de João. O Caminho da Vida*, Paulus, 11ª Edição, São Paulo, 2014, 28-29.

presença e de afirmação que encontra o seu fundamento no próprio Jesus⁵³. Ele vem de Deus, é enviado por Ele, e as suas obras afirmam-no e confirmam-n'O. O discípulo é quem experimenta tudo isso, no encontro e na permanência com o Senhor.

É, ainda, de grande interesse notar que uma característica própria da comunidade onde nasceu o Evangelho é o amor. A comunidade joanina absorveu durante anos a pregação do discípulo amado de Jesus. Certamente por isso o Evangelho afirma perentoriamente e com frequência, ainda que não com estas palavras, que o discípulo é aquele que está unido a Jesus na sua relação de amor com Pai e com Ele; e n'Ele uns aos outros. Por isso Jesus afirma: *“todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros”* (Jo 13, 35) e ainda *“para que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti; para que assim eles estejam em Nós”* (Jo 17, 21).

Ainda podemos dizer que, perante aquela máxima sinótica, *“quem quer salvar a própria vida a perderá, mas quem perder a sua vida por Minha causa e do Evangelho a salvará”*, João apresenta-a, no contexto do discipulado, dando uma particularidade propriamente sugestiva. Para ele é preciso morrer para dar fruto: *“se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto”* (Jo 12, 24). Neste sentido, o discípulo é convidado radicalmente a entregar a sua vida por causa de Jesus e do Evangelho⁵⁴. Há aqui, então a singularidade da morte como seguimento, como vivência do discipulado, no fundo como uma realidade batismal de morte e ressurreição, um assumir a vida do próprio Jesus, o Enviado do Pai.

Conscientes que o discipulado se fundamenta no encontro com Cristo e no dinamismo da fé, enquanto seguimento de Jesus e permanência n'Ele, a seguir veremos vários termos e sentenças que, usados no Evangelho de João, querem justamente relacionar a fé com o seguimento de Cristo.

⁵³ Cf. J. LOURENÇO, “Itinerários Bíblicos da Fé”, in AA. VV, *A Fé da Igreja*, Paulus, Lisboa, 2014, 122.

⁵⁴ Cf. C. H. DODD, *Il fondatore del cristianesimo*, Editrice Elleedici, Torino, 2007, 112.

2.1.1 – “Permanecer” em Jesus, como estrutura do discipulado

No Evangelho de João, podemos distinguir três modalidades do uso de μένω, que geralmente se traduz por «permanecer», «morar», «ficar em», «estar em», e das expressões que lhe estão associadas. Nota-se em várias passagens o uso meramente biográfico-espacial, ligado à descrição das mudanças de lugar de Jesus na sua missão pública, como em Jo 4, 40, quando os samaritanos pediram que *ficassem* com eles; noutros contextos, o termo é usado nas narrações dos encontros com seus interlocutores, como aquele com André e o outro discípulo (Jo 1, 38-39); e, finalmente, as fórmulas contidas nos discursos de Jesus, como o da alegoria da videira e dos ramos de Jo 15, 1-8.

Em vários contextos o uso do termo “μένω” trata do convite aos discípulos a permanecerem n’Ele, na Sua Palavra e no Seu amor (cf. Jo 15, 4-12.16). São afirmações nas quais é indicado ao mesmo tempo a relação de Jesus com os seus discípulos, a sua relação com o Pai e a comunhão dos discípulos com o Pai e com o Filho. «Permanecer», em alguns contextos do Evangelho de João, ilustra a dinâmica da intimidade dos discípulos com o seu mestre. Sempre que Jesus «permanece» ou os seus interlocutores permanecem com Ele, a consequência desta permanência é a fé. «Permanecer» é a condição que estrutura a existência dos discípulos de Jesus. É, como já temos dito, a própria fé, na sua expressão e na sua identidade mais autêntica. Permanecer em Jesus é a atitude peculiar do discípulo. Deixa de ser discípulo de Jesus quem não permanece n’Ele, como Judas que saiu depressa, de noite, num ato que mostra como dista a noite do dia, num ato que revela a distância que se cria entre quem permanece e quem sai (cf. Jo 13, 30-31). Permanecer com Ele na noite da vida, é crer, é ser seu discípulo.

No princípio da missão de Jesus, no seu encontro com André e o outro discípulo (este último, provavelmente, como já referi, o discípulo amado, que é citado pela primeira vez em Jo 13, 23), o autor acentua um impacto imprevisto. Os discípulos encontram-se diante de uma

presença humana e sobrenatural, apontada por João Baptista («Eis o Cordeiro de Deus!» Jo 1, 36), que atíça os seus sentidos e causa estupefação: «Mestre, onde “permaneces”?» (cf. Jo 1, 38 – traduzido não tão bem na Vulgata “ubi habitas?”). «Vem e vê». E surge de novo o «permanecer»: «Foram e viram onde «permanecia», e aquele dia «permaneceram» com Ele. Era a hora décima» (cf. Jo 1, 39). Aqui, μένω é usado por três vezes. Daquele «permanecer», de quem atonitamente O observa falar, naquele dia, nos dois discípulos, surge uma certeza imediata e embrionária: «Encontrámos o Messias» (Jo 1, 41), dirá subitamente André a Simão. O que se inicia ali expandir-se-á no dinamismo da permanência em Jesus, no discipulado que se principia no encontro e é sempre uma constante renovação, na vida de quem permanece n’Ele, da estupefação inicial⁵⁵. A iniciativa é, todavia, sempre a de Jesus: «Vem e vê». Os discípulos correspondem⁵⁶: «Foram e viram».

Há ainda um certo interesse, no facto de diversas expressões denotarem uma conexão de sucessão entre o «permanecer» e o «conhecer» (cf. Jo 8, 31-32; 14, 17)⁵⁷. O tema do «conhecer», na maioria dos casos, vem indicado com o verbo οἶδα, formado pela raiz do verbo ἰδεῖν, aoristo de ὁράω «ver». Mais adiante detalharemos o sentido do conhecer joanino, tendo em conta este verbo, no dinamismo do seguimento e da fé. Contudo, vale aqui lembrar que «οἶδα» é distinto de γινώσκω⁵⁸. Tem o sentido de «sei porque vi» e exprime o aspeto da experiência vivida. É sobretudo um «fazer experiência», permanecer no lugar onde a admiração se renova⁵⁹. É um conhecimento adquirido, sobretudo no dinamismo da permanência. É um dinamismo de estruturação da fé. Um conhecimento que se alicerça no permanecer em Jesus, que é um genuíno mecanismo de fé.

⁵⁵ G. VALENTE, *Il Rimanere per crescere. Intervista a padre Ignace de la Potterie. Da Il cristianesimo invisibile. Attualità di antiche eresie, I libri di 30 giorni*, Ed. SEI, Torino, 1997, 49-54.

⁵⁶ C. H. DODD, *La Tradición Histórica en el Cuarto Evangelio*, Ed. Cristiandad, Madrid, 1978, 304-305.

⁵⁷ Ἐὰν ὑμεῖς μείνητε ἐν τῷ λόγῳ τῷ ἐμῷ, ἀληθῶς μαθηταὶ μου ἐστε, καὶ γνώσεσθε τὴν ἀλήθειαν, καὶ ἡ ἀλήθεια ἐλευθερώσει ὑμᾶς – Jo 8, 31-32.

⁵⁸ O verbo, na sua forma mais antiga (γινώσκω), indica a percepção intelectual de um objeto ou de uma relação objetiva, seja que isso entre pela primeira vez, ou reentre (apreender a conhecer, vir a saber), ou ainda, que já esteja presente na consciência do sujeito (reconhecer) – Cf. KITTEL, G., *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, Vol II, Paideia, Brescia, 1966, 461-462.

⁵⁹ G. VALENTE, *op. cit.*, 49-54.

No Antigo Testamento, o sentido de permanência está geralmente relacionado a *Yahweh*, como Aquele que permanece. Essa atmosfera da permanência exclusiva do divino, deixa de influir na preferência joanina por μένω. A exemplo disto, em João 12, 34, a multidão cita um axioma: «*Nós aprendemos na nossa Lei que o Messias permanece vivo para sempre...*». De facto, João apresenta a Jesus como Messias e Filho de Deus, como quem tem e é vida em abundância. Contudo, todo aquele que pertence a Jesus também há de ser permanente, há de receber vida abundante, vida eterna. O crente que imita a Jesus no cumprimento da vontade de Deus permanece para sempre (cf. 1Jo 2, 17; 6, 27; 15, 16)⁶⁰. Portanto a multidão do Novo Testamento tinha razão. O conceito joanino de permanência, todavia, está para além do conceito vétero-testamentário, porque cede ao crente um atributo próprio de Deus: a «permanência» eterna. Esta torna-se possível na fé-seguimento de Jesus.

O uso que João faz de μένω parece bem mais complexo, pelo facto de o estudo deste verbo, sobretudo na fórmula μένω + εἶναι, introduzir-nos diretamente na teologia joanina da imanência, isto é, numa maneira de permanecer um no outro, que une o Pai, o Filho e o crente. João sugere que o Filho reside no Pai e o crente, porque pela fé entra num dinamismo de relação, é inserido na essência do Pai e do Filho (cf. Jo 17, 23). Ele afirma que como o Filho está no Pai e o Pai no Filho (cf. Jo 14, 10-11), também o Filho estará nos crentes e estes estarão no Pai e n'Ele (cf. Jo 17, 21-23). Neste caso a expressão é «*estar em*», porém pode ser tomada como sinónimo de μένω + εἶναι⁶¹.

Nos escritos joaninos o uso de μένω e seus sinónimos não servem só para fazer referência à permanência do Pai e do Filho no crente, mas também à relação com outros atributos, dons e poderes divinos. Vejamos o seguinte esquema:

1- «Moram»/«permanecem no crente»: a Palavra de Deus e de Jesus: Jo 5, 83; 15, 7; 1Jo 2, 14.24; a Vida eterna: 1Jo 3, 15; o amor divino: 1Jo 3, 17; a verdade: 1Jo 1, 8; o testemunho divino: 1Jo 5, 10; a unção divina e o germe divino: 1Jo 2, 27; 1Jo 3, 9.

⁶⁰ Cf. R. E. BROWN, *El Evangelio según Juan, XIII - XXI*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1979, 1483.

⁶¹ Cf. Idem, 1484.

2- O crente «mora em»/«pertence a»: a palavra de Jesus: Jo 8, 31; a luz: cf. Jo 12, 46; o amor: Jo 15, 9-10; 1Jo 4, 16; a verdade: 1Jo 3, 19; a doutrina de Cristo: 2Jo 9.

Dos significados de μένω no Evangelho de João, os mais expressivos são dois que predominam: «*permanecer em algo*» e «*estar intimamente unido a alguém*». Este segundo é o que mais nos interessa para o nosso estudo sobre a fé e o discipulado na perspectiva do Evangelho de João. Algumas passagens, como em Jo 6, 56 e 15, 4-5 («*Quem realmente come a minha carne e bebe o meu sangue 'fica a morar' em mim e Eu nele*» e «*'Permanecei em mim', que Eu 'permaneço em vós' ... Quem 'permanece em mim' e Eu nele, esse dá muito fruto, pois, sem mim, nada podeis fazer*»), tratam da permanência de Jesus no discípulo-crente ou deste em Jesus. Em Jo 14, 23 e 1Jo 2, 24 fala-se do Pai, do Filho e do crente. Tendo em conta Jo 14, 10-11 e 17, 21.23, não pode haver dúvida de que a íntima in-habitação do Pai e do Filho se transfere através do Filho ao crente. Compreende-se isso inteiramente, pois, tudo o que o evangelista disse acerca da relação e da unidade que há entre o Pai e o Filho está destinado, em última instância, aos homens que creem, aos discípulos de Cristo. A mútua in-habitação do Pai e do Filho é uma relação dinâmica, não estática, uma união íntima que se manifesta num estilo de vida dominado pelo amor. Permanecer em Jesus ou no Pai, ou em um dos atributos ou dons divinos, é algo que se alia intimamente à observância dos mandamentos na permanência no amor (cf. Jo 15, 10; 1Jo 4, 12.16), numa luta constante contra o mundo (cf. 1Jo 2, 16-17) e no esforço que se faz para dar fruto (cf. Jo 15, 5); e estes são deveres inerentes à condição de ser dos que creem. Assim, a in-habitação não é, por conseguinte, uma experiência exclusiva de almas eleitas, mas do discípulo de Cristo que vive, pela fé n'Ele e no seguimento fundado na permanência, o princípio constitutivo e essencial de toda a vida cristã⁶². É uma exigência do dinamismo do «*crer*» joanino. Todavia, «*permanecer*», indica,

⁶² Cf. Idem, 1485-1486.

acima de tudo, a certeza da estabilidade na fé⁶³. O que permanece em Cristo dá muito fruto (cf. Jo 15,5).

O dinamismo joanino do «crer» em Jesus, à imagem da relação do Pai com o Filho, na dialética da comunhão dos crentes com Jesus, com o Pai e entre si, é um dinamismo de in-habitação, de permanência eterna e de estupefação perene. É, acima de tudo, uma realidade que se configura no dinamismo da Salvação que Jesus, o Enviado do Pai, efetivou na vida dos homens e que os discípulos no encontro com Ele acolheram e anunciaram.

2.1.2 – “Conhecer” Jesus, como estrutura do discipulado

A semelhança entre «conhecer» e «crer» traz um estímulo vital para o entendimento do modo como, no Evangelho de João, a fé é compreendida. O emprego de *γινώσκω* e *οἶδά* no que toca às suas semelhanças com *πιστεύω* é particularmente habitual. *Γινώσκω* (conhecer) encontra-se, não em poucas passagens, em ligação direta com a fé joanina. *Οἶδα* (saber), quando usado num sentido negativo, não significa uma simples incompreensão, mas aponta para «*uma ignorância radical, a ausência de comunhão interior, que seria necessária para uma ‘apreensão’ do objeto*»⁶⁴. João acentua assim o desconhecimento radical do homem diante da revelação do mistério de Jesus, isto é, a incapacidade que tem de cruzar a distância infinita que o separa do mistério de Cristo. Um exemplo que não tem esta intensidade, mas que elucida esta ideia, é o facto de, antes do batismo, João Batista afirmar que “não conhecia” a Jesus (cf. Jo 1, 31.33); o que não quer dizer que tão-somente não se conheciam: João não O conhecia na sua condição de Messias; o precursor não tinha visto n’Ele o Eleito de Deus (cf.

⁶³ Cf. C. JOSAPHAT, *op. cit.*, 231.

⁶⁴ I. de la POTTERIE, “*Oida*” e “*gnosko*”. *I due modi del “conoscere” nel quarto vangelo*, em Id., *Studi di cristologia giovannea*, Genova, 1986, 314.

Jo 1, 34)⁶⁵. O mesmo acontece com os que não têm fé em Jesus. Estes não creem porque verdadeiramente não O conhecem (cf. Jo 8, 19).

Observando mais atentamente os seus sentidos, podemos dizer que *γινώσκω* faz referência à posse do conhecimento; compreende o campo do conhecimento experimental, obtido ao fim de um continuado esforço. *Οἶδα* refere à certeza que se possui com toda a segurança. O verbo *γινώσκω* faz referência ainda ao conhecimento obtido através de uma introdução, enquanto que *οἶδα*⁶⁶ significa conhecer pela visão (*εἰδέναι* [saber] da raiz de *ιδειν* (*εἶδον*) aoristo de *ὄραω* [ver]); *γινώσκω* designa também o «*adquirir um saber acerca de*» e *οἶδα* denota o «*saber tudo acerca de*», promovido pela visão experimental efetiva. O evangelista opta por *γινώσκω* também para designar o conhecimento que Jesus adquire por meios humanos (cf. Jo 4, 1; 6, 15), mas, em alguns casos, torna-se difícil saber se em Jesus impera o conhecimento humano ou se está patente o poder divino de ler os corações dos homens (cf. Jo 2, 5; 5, 6; 16, 19). Na profissão de fé de Pedro, em João 6, 69, temos um modelo de um conhecimento espiritual profundo, conseguido através da experiência, quando Pedro usa *γινώσκω* para afirmar: «... *nós cremos e 'sabemos' que Tu é que és o Santo de Deus*». Porém, também *οἶδα* é utilizado para identificar o conhecimento irrefutável que Jesus tem do Pai. A dissemelhança entre os verbos é definitivamente revogada, quando percebemos que *γινώσκω* também é empregado, em muitos casos, onde também se emprega *οἶδα*. Por exemplo: Jesus conhece o Pai – *οἶδα* em João 7, 29 e 8, 55 e *γινώσκω* em João 9, 15 e 17, 25; Jesus conhece todas as coisas ou a todos os homens: *οἶδα* em João 16, 30 e 18, 4; *γινώσκω* em João 2, 24; O mundo dos pecadores não conhece o Pai nem Jesus: *οἶδα* em João 7, 28; 8, 19; 15, 21 e *γινώσκω* em João 1, 10; 16, 3; 17, 25; 1Jo 3, 1.6); «*Se me conhecêsseis, conheceríeis também o meu Pai*»: *οἶδα* em ambos casos de João 8, 19 e *γινώσκω* e *οἶδα* em João 14, 7⁶⁷.

⁶⁵ Cf. B. S. SANTOS, *Teologia do Evangelho de São João*, Editora Santuário, Aparecida, 1994, 329.

⁶⁶ O verbo é usado sempre com valor de presente: ter percebido, ter visto com sentido de saber e conhecer – Cf. G. KITTEL, *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, Vol VIII, Fascicolo 1º, Paideia, Brescia, 1972, 329-330.

⁶⁷ Cf. R. E. BROWN, *El Evangelio según Juan, XIII - XXI*, op. cit, 1488-1489.

O «conhecer» joanino é polissêmico, isto é, tem vários sentidos. Por isso, encaixa-se num quadro de múltiplas relações. O verbo tem essencialmente, em João, um ponto em comum com *πιστεύω*. As consequências do «crer» e do «conhecer», os seus resultados diretos são semelhantes: o «crer» concede a vida eterna, enquanto, o «conhecer» ao único Deus verdadeiro, confere um conhecimento gerador de comunhão, participação, que é, propriamente, um dinamismo de vida eterna (João 17, 3)⁶⁸. A semelhança do significado dos termos está no facto de não se confundirem quanto ao fim que apontam e terem o mesmo dinamismo relacional na sua essencialidade: «conhecer a Jesus» e «crer em Jesus» envolvem o mesmo mecanismo de relação estrutural e permanência. Conhecer e crer são basilares na vida do discípulo de Cristo. E isto está bem expresso na resposta de Pedro a Jesus (cf. Jo 6, 68-69). Tal resposta é o sinal concreto da estreita associação entre os dois verbos, “crer” e “conhecer”⁶⁹. Os apóstolos, discípulos, porque conheciam o Senhor e acreditavam n’Ele, reconheciam n’Ele as palavras de Vida Eterna. Crer e conhecer, na vida dos discípulos, é uma realidade só, duas peças que se encaixam no dinamismo da relação com o Senhor.

Como nos alertam vários estudiosos, nos escritos joaninos, nunca é utilizado o substantivo *γνώσις* (conhecimento) assim como não usa o substantivo *πιστις*. Isto sugere que para além de uma mera preferência quanto ao uso de verbos, João tem uma intenção bem determinada, que parece, aqui também, como acontece com o uso de *πιστεύω*, provocar um movimento, uma estrutura relacional, extremamente necessários ao dinamismo da fé do discípulo de Cristo. Tal estrutura de conhecimento e fé encontra o seu fundamento e fortalece-se num conhecimento progressivo e efetivo da pessoa de Jesus e do Seu mistério salvífico. Aqui ou se vive isto e é-se discípulo ou não se vive e então não se é discípulo. Nesta proximidade com aquilo que crer significa, «*γινώσκω*» (cf. Jo 6, 69; 10, 38; 14, 20), ainda que não esteja precisamente no sentido de uma maior clareza intelectual, denota a compreensão, o conhecimento que é próprio da fé. Há de se ter em conta que, no âmbito bíblico, «conhecer» é

⁶⁸ Cf. R. SCHNACKENBURG, *op. cit.*, p. 550; Cf. J. F. O’GRADY, *op. cit.*, 41-43.

⁶⁹ Cf. C. H. DODD, *Interpretación del cuarto evangelio*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 2004, 213.

um ato criador de comunhão e de aprofundamento da relação⁷⁰. Portanto, algo bem próprio do discípulo em relação ao Mestre. Esta comunhão implica, inevitavelmente, o conhecimento da vida de Cristo, o aprofundamento no Mistério. Crer abre-se a uma compreensão para o discípulo, abre-se a um discernimento cada vez mais profundo, a uma união mais estreita com a pessoa de Jesus. Longe de ser fruto de uma ortodoxia meramente intelectual, é um dinamismo de ordem existencial e inseparável da experiência interior de liberdade e amor⁷¹, porque é verdade que, «o conhecimento de Deus, como todo conhecimento, necessita de um fundamento que esteja em consonância com a experiência»⁷². O discípulo é chamado a não outra realidade senão a do conhecimento do seu Mestre, para fazer como Ele faz (cf. Jo 13,15).

Neste sentido, há, portanto, no Evangelho, uma incontestável, profunda e estrita relação entre os verbos «crer» e «conhecer», principalmente quando são empregados em passagens diferentes, para indicar o mesmo facto⁷³. O «conhecer», no sentido joanino, configura-se ao dinamismo estrutural da fé. Todavia, «crer» só se torna um verdadeiro «conhecimento» quando se instaura, simultaneamente, um aprofundamento, uma interiorização progressiva, até que a fé tenha penetrado e assimilado toda a vida do crente⁷⁴. O mesmo aqui será dizer que o discípulo crê em Jesus porque conhece bem o seu Mestre. Em si mesma, a fé exige o conhecimento: «*a fê procura compreender*» (Santo Anselmo, *Prosl. prooem.*). É característico da fé este desejo por querer saber mais e melhor sobre o seu Objeto. A própria Teologia nasce desta dialética. Um conhecimento mais penetrante exigirá sempre uma fé maior e efetiva. A sentença de Santo Agostinho, «*eu creio para compreender e compreendo para crer melhor*» (Sermão 43, 7 – 7; PL 38, 275ss)⁷⁵ inclui-se neste contexto joanino do «conhecer», como um mecanismo de interação que efetiva e edifica o dinamismo

⁷⁰ Cf. R. SCHNACKENBURG, *op. cit.*, 550-551.

⁷¹ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *op. cit.*, Vol. IV, Sígueme, Salamanca, 2001, 213.

⁷² W. KASPER, *op. cit.*, 102.

⁷³ Cf. Jo 11, 27; 7, 26; 8, 24; 8, 28; 17, 21; 17, 23; 14, 12; 14, 20; 20, 31; 17, 3.

⁷⁴ Cf. B. S. SANTOS, *Fé e sacramentos no Evangelho de São João*, *op. cit.*, 25-26.

⁷⁵ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA §158, Gráfica de Coimbra, 2ª Edição, Coimbra, 1999, 55.

do «crer». Todavia, é preciso alertar que «conhecer», para João, não é somente «*aprofundar a fé*», mas, acima de tudo, é algo que pertence à própria estrutura do dinamismo do «crer».

Embora não se diga no Evangelho que a fé seja um ato puramente racional, é claro que não o é, mas em João «crer» e «conhecer» não são diferenciados quando têm o mesmo objeto. Contudo, há que se ter em conta, como o próprio Evangelho afirma, que o conhecimento do mistério de Jesus, que é, precisamente, o objeto verdadeiro e pleno do «crer», só poderá ser absoluto na exaltação de Jesus: «*Quando tiverdes erguido ao alto o Filho do Homem, então ficareis a saber que Eu sou o que sou e que nada faço por mim mesmo, mas falo destas coisas tal como o Pai me ensinou*» (Jo 8, 28)⁷⁶. Este «ficar a saber» tem o mesmo sentido de «crer».

Assim, a fé pós-pascal está presente nas confissões de fé que o Evangelho cita, justamente pelo facto de garantir que o momento da compreensão, do ficar a saber, ou o momento da fé plena, não acontece até que venha o Espírito (cf. Jo 7, 37-39; 14, 26). Alguns textos do Evangelho de João salientam o «agora» obscuro, ignorante, sem luz nem conhecimento, que são contrapostos ao «depois» translúcido, consciente e sem hesitação (cf. Jo 13, 7; cf. 13, 19.36; 14, 29)⁷⁷. O dinamismo da fé encontra o seu ápice no conhecimento absoluto que só pode ser adquirido, pelo Espírito, no encontro pessoal com o Jesus glorificado: «*Nesse dia, 'compreendereis' que Eu estou no meu Pai, e vós em mim, e Eu em vós*» (Jo 14, 20). Neste âmbito o discípulo que conhece o Senhor pelos seus sinais e pelas suas obras conhecê-lo-á pela sua vitória sobre a morte e pela manifestação da sua glória, pela ação do Espírito Santo.

Concluimos, pois, que a correspondência entre crer e conhecer é dinâmica e complexa. O verdadeiro conhecimento surge nos contornos do dinamismo da fé. Quando se crê é que se sabe com certeza (cf. Jo 6, 69). O autêntico conhecimento, de que João fala, é o que surge como consequência da experiência e da participação; e isso não é possível sem o movimento

⁷⁶ Cf. J.-O. T. VANCELLS, *op. cit.*, 46.

⁷⁷ Cf. J.-O. TUÑI; X. ALEGRE, *op. cit.*, 126.

de confiança e de entrega a que chamamos de fé⁷⁸. E a fé, como conhecimento adquirido através da experiência com Cristo, é a realidade própria do discípulo.

2.2 – Analogia entre “seguir” e “crer”: termos que estreitam o discipulado e a Fé

Para além da importância dos termos acima referidos, no contexto da fé, de modo muito consciente, João faz ver no Evangelho que crer, em sentido pleno, é ser discípulo e permanecer na verdade da Palavra de Jesus (cf. Jo 8, 31-32) usando outras expressões, ou ainda, acentuando aquelas duas palavras em contextos marcantes. No fundo, permanecer em Jesus intensifica a fé. Permanecer na Palavra e no amor de Jesus estrutura e dinamiza a fé do discípulo, e também se pode dizer que faz do discípulo um discípulo autêntico, porque permanece em Jesus, porque crê n’Ele. É permanecendo em Jesus que o discípulo se afirma como crente, porque o conhece, e assim pode dar frutos como o ramo que permanece na videira.

Acreditar supõe e significa um processo, uma opção, isto está claro. Essa opção supõe uma adesão, uma escolha, um itinerário na aceitação do testemunho de Jesus. O ato de testemunhar é algo pessoal, significa adesão e opção que é assumida não de forma heroica mas como quem conta com o Senhor. Ele fundamenta e dá consistência à fé, ao discipulado, à vida vivida como entrega. A fé é um processo dinâmico que consiste em deixar-se tocar pelo testemunho de Jesus e tornar-se testemunho d’Ele⁷⁹. O discípulo não é outro sinal no mundo senão sinal do Mestre. Ele faz o que o Mestre faz. No Evangelho esse processo é notório. João dá-nos a entender justamente com termos concretos e específicos que, usados de uma forma ou de outra, significam ora uma fé mais autêntica ora menos autêntica, justamente para conduzir o leitor a uma tomada de posição que não poderá ser outra senão a adesão total da vida em Jesus, para estar unido a Deus como Ele está unido. Ele e o Pai são um e o discípulo

⁷⁸ Cf. J. KONINGS, *Evangelho segundo João. Amor e fidelidade*, Edições Loyola, S. Paulo, 2005, 157-158.

⁷⁹ Cf. J. LOURENÇO, “Itinerários Bíblicos da Fé”, in AA. VV, *A Fé da Igreja*, Paulus, Lisboa, 2014, 120-121.

é convidado a uma amizade que une e não a uma servidão que divide. Veremos isso nos próximos pontos e daremos mais ênfase nos vocábulos “permanecer”, “ver” e “conhecer” característicos de João que exprimem veemente o ato de fé ou a conjuntura do crer, peculiar do discípulo de Cristo.

A Ressurreição de Jesus é, pois, a chave de toda a questão sobre a fé n’Ele. Acreditar em Jesus e segui-l’O requer acreditar na sua ressurreição, como acreditou o discípulo amado ao ver o túmulo vazio, como acreditou e anunciou Maria Madalena aos discípulos, no seu encontro com o Senhor no Sepulcro, e como acreditaram e anunciaram a Tomé os discípulos quando viram o Senhor. Encontrar-se com Jesus, no Evangelho joanino, já é por si só uma expressão que prenuncia um desejo de fé ou, em ocasiões várias, denuncia a fé. Pedro, porque não viu Jesus mas apenas o sepulcro vazio, não acreditou de imediato. Tomé, porque não estava com os doze, também não acreditou, preferindo antes fazer ele próprio a experiência do encontro, do toque, da visão. Ver Jesus ressuscitado, claramente no Evangelho de João, no sentido de quem se encontra com Ele, é a fé, o ato de crer, na sua expressão mais eloquente⁸⁰. Veremos isto mesmo, mais adiante, quando falarmos do uso das expressões “vi o Senhor” e “vimos o Senhor” usadas por Madalena e pelos discípulos. Centrar-nos-emos aqui mais propriamente em expressões que caracterizam a fé daquele que segue Jesus, porque permaneceu n’Ele, porque O viu, O encontrou e O acolheu.

Um número considerável de termos e frases são iguais a «acreditar», no sentido exato do termo, e tais expressões, no desenvolvimento do Evangelho de João, são usadas precisamente no mesmo sentido: «receber a Jesus», «Suas palavras» e «Seu testemunho»⁸¹; «escutar a Jesus», «Sua voz», «Sua palavra»⁸²; «perseverar na Sua palavra», «ter a Sua palavra», «prestar ouvido» à voz ou às palavras de Jesus⁸³; no sentido de «obedecer» e

⁸⁰ Cf. J. BORTOLINI, *Como ler o Evangelho de João. O Caminho da Vida.*, Paulus, 11ª Edição, São Paulo, 2014, 186.

⁸¹ Cf. Jo 3, 11-12.32-33; 5, 43-44; 12, 46-47; 13, 20; cf. 1, 12.

⁸² Cf. Jo 5, 24.37-38; 6, 45; 8, 43.47; 10, 26-27.

⁸³ Cf. Jo 5, 24; 6, 45; 8, 43.47; 12, 47; 18, 37.

«*permanecer n'Ele*»⁸⁴. Estas expressões têm o mesmo sentido e explicitam o dinamismo do «*crer*» joanino⁸⁵. Tal dinâmica de fé passa pela vida daquele que se tornou discípulo do Senhor e é chamado a compreender a sua pessoa e os seus gestos, fazendo o que Ele diz (cf. Jo 2,5) e fazendo como Ele fez (cf. Jo 13,12-15).

Outras sentenças, ainda que não tenham a mesma intensidade, podem também ser equiparadas ao sentido joanino de *crer*: «*ir a Jesus*» (cf. Jo 6, 35; cf. 5, 40; 6, 44-47; 7, 37-38) e «*seguir a Jesus*» (cf. Jo 8, 12; cf. 10, 27; 21, 19.22)⁸⁶. Não quer dizer que todo o que quer ir ter com Jesus no Evangelho deseje ser seu discípulo ou já o seja em sentido pleno. Muitas vezes o autor faz alusões figurativas, que ora dizem mais e ora dizem menos que o verbo «*crer*»: «*vir para a Luz*» (cf. Jo 3, 19-21), por exemplo, é uma das frases simbólicas sobre a fé em Jesus⁸⁷. A ideia da vinda de Jesus aos homens, como a luz que veio ao mundo de Jo 3, 19, ou a afirmação do Prólogo, em João 1, 11, de que Jesus veio para o que era seu, corresponde a esta de que os crentes «*vêm*» a Ele. Deste modo, «*ἐρχόμενος πρὸς*» pode converter-se em sinónimo de «*πιστεύω*», com especial nitidez no paralelo com *πιστεύω + εἰς* em João 6, 35⁸⁸. João parece não usar os termos sem recorrer a um esquema simbólico e querer significar algo que vai para além do seu significado habitual. Deste modo, torna-se claro que «... *ἐρχόμενος πρὸς ἐμὲ*» equiparado a «*πιστεύω + εἰς ἐμὲ*» assume o mesmo sentido, porque implica um movimento idêntico de adesão e conduz a uma mesma consequência⁸⁹. Todo aquele que teve um encontro com Jesus, foi ter com Ele, acreditou n'Ele. O contrário disso prenuncia que não houve encontro, por isso, não houve fé. No Evangelho aparecem alguns interlocutores, os judeus por exemplo, que não são testemunhos de fé, justamente porque o ir ter com Jesus não

⁸⁴ Cf. Jo 8, 31-32; 15, 4-7.9-10.

⁸⁵ Cf. R. SCHNACKENBURG, *op. cit.*, 550

⁸⁶ Cf. J-O. TUÑI; X. ALEGRE, *op. cit.*, 124.

⁸⁷ Cf. J. F. O'GRADY, *According to John. The witness of the beloved disciple*, Paulist Press, New Jersey, 1999, 41.

⁸⁸ E Jesus disse-lhes: Eu sou o pão da vida; aquele que **vem a Mim** não terá fome, e **quem crê em mim** nunca terá sede - «εἶπεν αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς· ἐγὼ εἰμι ὁ ἄρτος τῆς ζωῆς· ὁ ἐρχόμενος πρὸς ἐμὲ οὐ μὴ πεινάσῃ, καὶ ὁ πιστεύων εἰς ἐμὲ οὐ μὴ διψήσῃ πώποτε».

⁸⁹ «*Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim não mais terá fome e quem crê em mim jamais terá sede*». Cf. R. SCHNACKENBURG, *op. cit.*, 549.

conteve a profundidade dos que se aproximaram d'Ele, viram-n'O, permaneceram, e seguiram-n'O. No fundo, o sentido último da fé reside na relação de proximidade, intimidade e confiança que existe entre o discípulo e o Mestre.

De facto, a fé joanina situa-se na mais íntima proximidade com a condição de discípulo. Não é só uma questão de proximidade com Jesus, mas a própria ideia de fé está intimamente ligada, em João, à ideia de discipulado, como vimos até aqui. A fé dos «Doze» – «os discípulos» em sentido estrito – é certificada categoricamente desde o início do Evangelho, quando é afirmado que os discípulos viram a sua glória e acreditaram assim n'Ele (cf. Jo 2, 11). A postura de fé dos que seguem Jesus, e em especial dos apóstolos, é uma inquietação constante do evangelista na narração de todo o Evangelho⁹⁰. Esta atitude de fé é ressaltada, com maior realce, quando o discípulo atinge a sua maturidade, depois da ressurreição de Jesus e da vinda do Espírito Santo (cf. Jo 20, 8.22.25-29). Os discípulos acreditam verdadeiramente porque foram os primeiros a ter um encontro pessoal com o Jesus terreno e o Jesus glorificado⁹¹. A fé dos discípulos fundamenta-se no encontro com Ele e fortalece-se na continuidade, na permanência em Jesus.

No Evangelho de João, a noção de discípulo diz quase o mesmo que «*crer em Jesus*» em sentido integral⁹². Esse discipulado, que se situa nos contornos da fé, remete claramente ao tempo da comunidade pós-pascal e confirma o significado essencialmente teológico da fé joanina. O «*seguir*», no sentido de «*atuar a fé*», serve de elo, de enlace, e significa que a fé é um fator primário e decisivo para se tornar discípulo. Sem o acreditar, gerado na relação com o Senhor, a fé não chegou à sua maturidade, ficou encarcerada no passado, vive nos meandros da lei que escraviza. O emprego do termo *πας* (todo, cada), em algumas construções (cf. Jo 6, 40), demonstra esta similaridade e cumplicidade patente no dinamismo do «*seguir*» e do «*crer*». Assim, pode reconhecer-se nos «discípulos», como em modelos, o que vem a ser a fé

⁹⁰ Cf. Jo 6, 67-69; 13, 19; 14, 1.10-14; 16, 27-30; 17, 8.

⁹¹ Cf. R. SCHNACKENBURG, *op. cit.*, 551.

⁹² Cf. Jo 4, 1; 6, 60.66; 7, 3; 8, 31; 9, 28; 19, 38.

autêntica e plena: decidida adesão a Jesus, presença constante junto d'Ele, perseverança na Sua palavra (Cf. Jo 8, 31), amor mútuo, à imagem do amor de Jesus, e, não em último lugar, uma confissão aberta e sem medo da hostilidade judaica (cf. Jo 9, 28-38; 19, 39)⁹³. Ou, ainda, leva a perceber nos discípulos o processo que a fé exige, como em Tomé que conviveu com Jesus, mas só O descobriu como Senhor e Deus na experiência do encontro com Ele na Ressurreição (cf. Jo 20, 27).

A ligação dos discípulos com Jesus, fundada neste «seguir» idêntico ao ato de «crer», é demonstrada na analogia existente na relação do Filho com o Pai e dos discípulos entre si. Esta dialética relacional é uma constante no Evangelho. O discípulo não é discípulo autêntico se não vive em união com o Senhor. Tal dialética relacional é o fundamento do dinamismo integrador da fé. Assim, Jesus nunca aparece no Evangelho de João senão em relação com o Pai; e a Sua revelação última é sempre que Deus quer também ser o nosso Pai (cf. Jo 20, 17).

Nesta perspectiva, a conjunção *καθως* serve, em muitas ocasiões, para significar este mistério de amor que une o Pai e o Filho e, também, os discípulos entre si. Na passagem de João 10, 15, por exemplo, quando Jesus diz “*assim como o Pai me conhece e Eu conheço o Pai*”, está presente o conhecimento que liga Jesus aos seus e que encontra a sua fonte e a sua plenitude no amor que liga o Filho ao Pai. Assim, ali, a conjunção *καθως* integra esta ligação íntima e profunda que o conhecer bíblico sugere. Tal conjunção não equivale à partícula *ως* que compara duas realidades, acentuando o sentido da comparação, mas tem sentido de produção, como refere Leon Dufour, na sua obra aqui citada, aludindo à ideia de medida e dependência: «... *as minhas ovelhas conhecem-me, como (καθως) o Pai me conhece e eu conheço o Pai*» (Jo 10, 14-15); «*Na medida (καθως) do amor com que eu vos amei, amai-vos uns aos outros*» (cf. Jo 13, 34)⁹⁴. O discípulo não é maior que o seu mestre, mas faz como Ele. O discípulo procura viver no “assim como” Ele. Esta imitação do Mestre é necessária pois configura o discípulo ao seu Mestre e faz com que Jesus permaneça nos discípulos que

⁹³ Cf. *Ibidem*, pp. 551-552.

⁹⁴ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *op. cit.*, Vol. I, Sígueme, Salamanca, 2001, 24.

permanecem n'Ele. A ligação entre Jesus e o Pai, no assim como dessa relação, é o modelo da relação dos discípulos com Jesus.

Olharemos agora, ao pormenor, para algumas palavras e expressões específicas que, em João, têm o mesmo sentido ou significam sucintamente o mesmo conteúdo teológico de πιστεύω, nas suas variadas construções, e que tocam intimamente a ideia de seguimento, de discipulado. No Evangelho de João, «permanecer», «conhecer» e «ver» ou se identificam com πιστεύω, no que toca à sua especificidade, quanto ao sentido teológico de «crer em Jesus», ou se aproximam deste significado e, de certa forma, implicam a mesma consequência do dinamismo da fé e o mesmo compromisso do discipulado.

2.3 – “Ver” Jesus, como dinamismo da experiência de Fé do discípulo

Quem acredita, vê, com uma luz que ilumina todo o percurso da estrada, porque esta luz vem de Cristo ressuscitado”⁹⁵. Assim, a fé é um novo modo de ver, como afirma o Papa Francisco, porque se torna luz para os olhos daquele que pela fé foi transformado⁹⁶. É com este sentido profundo que o verbo “ver”, nas suas várias formas, se enquadra no Evangelho de João ou para isso se direciona. Na compreensão da fé que pretende salientar o quarto evangelista, o verbo ver tem a sua importância por ter sentidos diferentes que demonstram o processo de fé em fases distintas, dependendo sempre da experiência dos interlocutores de Jesus. Encontram-se cinco formas verbais que expressam a ideia de «ver» na sua relação com o dinamismo de «crer»: no presente, βλέπω; no imperfeito, no futuro e no perfeito, θεάομαι, θεωρέω, ὀράω e, deste último, o aoristo ἰδεῖν (εἶδον). Contudo, não é propriamente fácil identificar as diferenças ou semelhanças quanto ao intuito teológico que o evangelista, provavelmente, teve em conta ao empregar tais verbos. Para percebermos, torna-se necessário fazer uma análise, ainda que frágil, do sentido que cada um parece querer significar:

⁹⁵ Cf. FRANCISCO, Carta encíclica *Lumen Fidei*, 1, Paulus, Lisboa, 2013, 7-8.

⁹⁶ Cf. Idem, 22, 30.

1 – Quando o uso do verbo «ver» é usado onde não comporta ainda a fé. Aqui o evangelista usa um verbo que significa um simples ato de ver, uma simples conspeção ocular ou material⁹⁷. Neste sentido βλέπω é o verbo usado em João 9, para designar o tipo de visão que adquire o cego de nascença ao ser curado. Em Jo 20, 1, Maria Madalena «vê» a pedra que foi retirada do túmulo (também em Jo 21, 9). Em Jo 9, 39, adquire um significado marcadamente espiritual: Jesus veio ao mundo para um juízo, de modo que «os que não veem, verão»⁹⁸. A palavra é também usada para marcar o contraste com os casos em que classifica uma forma realmente transcendente da visão, quando, por exemplo, se afirma que o Filho vê o que faz o Pai (cf. Jo 5, 19). Por outro lado, noutras ocasiões, βλέπω parece não ter um significado especial e aparenta manifestar uma forma inferior da visão na escala dos verbos usados neste sentido⁹⁹. Assim, da mesma forma, como o verbo aparece na tradução grega do Antigo Testamento, não é usado em João como forma de “ver” a Glória de Deus ou de “ver” de Deus¹⁰⁰, o que implicaria o ato de fé.

2 – Quando o autor quer usar um verbo para falar igualmente de uma visão material, mas no sentido de «observar atentamente», usa o verbo θεωρέω. Aqui denota o olhar perscrutador, a visão atenta daquele que olha e analisa cuidadosamente. Trata-se de uma visão sensorial¹⁰¹. É usado quando o evangelista quer relatar coisas extraordinárias, como os sinais de Jesus (cf. Jo 2, 23; 6, 29). O mesmo termo é usado na última ceia quando Jesus afirma que está para partir para o Pai e sentencia profeticamente que os discípulos deixarão de O ver e logo O verão de novo (cf. Jo 16, 10.16.17.19); Porém, este ato de ver, com atenção e cautela, por duas vezes é relacionado com o «*crer em Jesus*» (Cf. Jo 6, 40; 12, 44-45): a visão que este

⁹⁷ Cf. B. S. SANTOS, *Teologia do Evangelho de São João*, Editora Santuário, Aparecida, 1994, 326.

⁹⁸ Καὶ εἶπεν ὁ Ἰησοῦς· εἰς κρίμα ἐγὼ εἰς τὸν κόσμον τοῦτον ἦλθον, ἵνα οἱ μὴ βλέποντες βλέπωσιν καὶ οἱ βλέποντες τυφλοὶ γένωνται.

⁹⁹ Cf. R. E. BROWN, *op. cit.*, XIII - XXI, 1473.

¹⁰⁰ Cf. G. KITTEL, *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, Vol VIII, Fascicolo 1º, Paideia, Brescia, 1972, 919-920.

¹⁰¹ Cf. G. KITTEL, *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, Vol VIII, Fascicolo 1º, Paideia, Brescia, 1972, 921.

verbo quer expressar une-se, às vezes, a uma atitude de fé¹⁰². Portanto, também este verbo, com outro que veremos a seguir, inspira a fé autêntica, visto que o crente é aquele que faz experiência, vê com olhos de quem quer ver. Esta fé, em razão do verbo θεωρέω, tem sempre o seu ponto de partida numa visão «atenta», ainda que, sensível e material de Jesus. Não estamos ainda no plano da ressurreição mas já inspira o encontro com Ele. Implica que a visão se prolonga mais que o tipo de visão significado por βλέπω. Aponta para um certo núcleo de conhecimento, mas não num grau extraordinário. «Ver» sugere, aqui, ter uma verdadeira experiência com Jesus e, ao mesmo tempo, parece convidar a crer em Jesus¹⁰³. Esta interpretação de θεωρέω mostra-se proveitosa num certo número de casos em que é usado para descrever a visão dos sinais; um olhar que desemboca na aceitação de Jesus como homem fascinante, capaz de realizar portentos. Todavia, essa indução não leva a uma fé perfeita. Torna-se claro, aqui, que Jesus não se dá por satisfeito com a fé que brota de θεωρέω (cf. Jo 2, 23; 4, 19; 6, 2). Em Jo 6, 19 o evangelista previne com clareza que mesmo o “ver” Jesus a caminhar sobre as águas não leva a um conhecimento fidedigno. Contudo, noutros casos, θεωρέω parece figurar a forma mais clara e penetrante da visão, como em Jo 6, 40, onde se promete a vida eterna a todo aquele que vê o Filho e n’Ele crê. Em Jo 17, 24, é usado o verbo aplicando-o à visão plena da glória de Jesus. Todavia, noutros casos, parece que θεωρέω se refere à mera visão material, muito ao estilo de βλέπω. Em Jo 20, 12, Maria Madalena vê que junto ao túmulo estão dois anjos e em Jo 20, 14 vê Jesus; em nenhum dos casos se produz uma visão de ordem espiritual. E ainda, o facto de o mundo não poder ver o Paráclito deve-se, em parte, à condição materialmente invisível do Espírito (cf. Jo 14, 7)¹⁰⁴. Conclui-se que, apesar de alguns casos o uso deste verbo sugerir o ato de fé genuíno, não quer dizer que o seu uso sistemático aponte sempre para este sentido pleno.

¹⁰² Cf. I. de la POTTERIE, *Lo sguardo e la memoria da I. de la Potterie, Storia e mistero, Egesesi cristiana e teologia giovannea*, Ed. SEI, Torino (I libri di 30 giorni), 1997, 93.

¹⁰³ Cf. J. KONINGS, *Evangelho segundo João. Amor e fidelidade*, Edições Loyola, São Paulo, 2005, 158.

¹⁰⁴ Cf. R. E. BROWN, *op. cit.*, XIII - XXI, 1473-1474.

3 – Outro verbo surge no Evangelho traduzido por “ver”, mas para sermos fiéis à ideia que este verbo encerra, dando um passo adiante, podemos traduzi-lo por «contemplar». Trata-se do uso de θεάομαι. Não se trata de um contemplar no sentido platónico, como quem não se deixa tocar pela realidade, mas do contemplar daquele que está perante os factos. Exprime um modo de ver que causa estupefação pela beleza do objeto contemplado e, portanto, inspira a busca profunda de penetrar o mistério que ali se encerra. É um contemplar que propõe um deixar-se tocar por aquilo que se contempla. É uma visão que implica relação, cumplicidade, estupefação. É um contemplar que implica participação. Aqui, o olhar atento, maravilhado e contemplativo dos discípulos de Jesus desvela n’Ele a Sua origem celeste (cf. Jo 1, 14b)¹⁰⁵. Noutros casos, como em 1, 38 e 6, 5, θεάομαι parece referir-se à mera visão material. Em Jo 11, 45 o verbo sugere que a visão do sinal que Jesus realizou em Betânia conduziu muitos dos judeus, que lá se encontravam, à fé verdadeira (como veremos em ὁράω); por outro lado, θεάομαι e ὁράω parecem intercambiais em Jo 1, 34 e Jo 1, 32 respetivamente. A mesma cumplicidade é enfatizada na declaração de que nunca ninguém viu a Deus, em Jo 1, 18 e 1Jo 4, 12¹⁰⁶. Esta contemplação que o verbo sugere implica a fé própria dos discípulos de Cristo que experimentaram, tocaram, viram, sentiram o Senhor e então o podem anunciar, como é dito no início da primeira carta de São João (cf. 1Jo 1, 1-3). No Antigo Testamento, a confirmar o sentido que João dá ao verbo, surge em Judite 15, 8 (“*vieram para ver o bem que o Senhor fizera a Israel, para ver Judite, falar com ela e saudá-la*”), como o “ver” que leva a convencer-se pessoalmente¹⁰⁷.

4 – Em João 14, 9 encontramos esta frase: «ὁ ἑωρακώς ἐμὲ ἑώρακεν τὸν πατέρα» onde facilmente traduzimos por “*Quem me vê, vê o Pai*”. Trata-se do uso do verbo comum ὁράω «ver», mas usado no perfeito ἑώρακα. Podemos dizer que se trata de uma forma verbal mais completa. Quando o seu uso está relacionado a Jesus, indica aquilo que o olhar atento

¹⁰⁵ Cf. I. de la POTTERIE, *Lo sguardo e la memoria da I. de la Potterie*, op. cit., 93-94.

¹⁰⁶ Cf. R. E. BROWN, op. cit., XIII - XXI, 1474.

¹⁰⁷ Cf. G. KITTEL, *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, Vol VIII, Fascicolo 1º, Paideia, Brescia, 1972, 921.

descobriu n'Ele e do qual se conserva na memória o que foi descoberto. Quando João utiliza este verbo, Jesus é confirmado como o lugar onde Deus Se manifesta. Assim, torna-se óbvio o contexto de João 14, 9 «*Quem me vê, vê o Pai*». Quem vê Jesus, e guardou esta visão interior na memória, reconheceu-O como o lugar da in-habitação do Pai¹⁰⁸. Por isso, quando o ver atinge uma profundidade que se confunde com a própria fé, João utiliza este verbo, que acentua a dimensão nova do objeto contemplado. Exprime o ver que vai acompanhado de um saber legítimo, quase que a implicar um conhecimento intuitivo. É empregado quando se trata de ver Jesus ressuscitado com a consequência de uma fé verdadeira (cf. Jo 20, 8.25). Um excelente exemplo seria a sentença pronunciada no discurso da última ceia (cf. Jo 16, 16): «*Ainda um pouco, e deixareis de me ver*» [θεωρεῖτέ με (θεωρέω) = visão material], «*e um pouco mais, e por fim me vereis*» [ὄψεσθέ με (ὀράω), isto é, com os olhos da fé, depois da ressurreição]¹⁰⁹. Outra situação, onde o verbo se encontra, é a de João 1, 34, onde se emprega ὀράω para afirmar que João Batista viu o Espírito descer sobre Jesus. Contudo, em João 1, 32, afirma-se quase identicamente e neste caso usa-se θεάομαι. Por isso, é sugestivo que θεάομαι e ὀράω sejam sinónimos em diferentes redações de uma mesma cena. Por outro lado, há casos em que ὀράω tem distintamente o sentido de ver sem que isso suponha perceber uma realidade em profundidade. Em João 4, 45, por exemplo, é empregado em relação ao ver os sinais e reconhecer Jesus apenas como homem que realiza prodígios (semelhante ao uso de θεωρέω). Indica-se, ainda, uma compreensão inferior em João 6, 36.

5 – O aoristo *ιδεῖν* (*εἶδον*), por sua vez, é usado em contextos semelhantes a que em muitos casos se aplica à visão meramente material, como em João 1, 39; 5, 6; 6, 22.24; 7, 52; 12, 9. É aplicado também a uma visão inadequada dos sinais (semelhante a θεωρέω) em João 4, 48; 6, 14.30¹¹⁰. Contudo a importância deste verbo, como assim já foi explicado, reside justamente no sentido que ele traz da experiência sugerida daquele que viu Jesus ressuscitado,

¹⁰⁸ Cf. I. de la POTTERIE, *Lo sguardo e la memoria da I. de la Potterie*, op. cit., 94.

¹⁰⁹ Outros exemplos desta visão penetrante estão presentes em João 1, 50.51; 3, 11.32; 11, 40; 14, 7.9; 19, 35.37; 20, 29.

¹¹⁰ Cf. R. E. BROWN, op. cit., XIII - XXI, 1473-1474.

que O conheceu, como vamos ver mais abaixo, quando tratarmos, ainda que sucintamente, da experiência de fé de Maria Madalena e dos discípulos, quando “viram” o Senhor. O verbo, no perfeito, serve para indicar as consequências que o ter visto causou no sujeito quando viu¹¹¹.

Podemos reparar, partindo deste esquema, que João salienta a importância do conceito de «ver», e noutros contextos estudaríamos a importância que dá aos outros sentidos, pelo qual se exprime uma percepção, que paulatinamente se abre ao «crer». Para que o mistério de Jesus seja atingido não basta, por si só, a visão humana, se esta não for potencializada pelo «ver» autêntico da fé. Este ver autêntico sugere sempre a experiência pessoal com Jesus que os discípulos fazem.

Em sentido próprio βλέπω *geralmente* designa a faculdade da visão, θεωρέω exprime o olhar observador e atento e ὁράω, no perfeito, expressa o conhecimento concreto que se adquire pela visão, por quem viu e experimentou. João usa estes três verbos na primeira unidade do capítulo 20, mas ainda ao nível da visão exterior. Em João 20, 8, surge um «ver» diferente, atribuído ao discípulo amado, que viu e acreditou (εἶδεν καὶ ἐπίστευσεν). Para o discípulo amado, de quem iremos falar um pouco noutro capítulo, os objetos que vê no sepulcro e o próprio sepulcro vazio são sinais que orientam à fé. O verbo ὁράω contém aqui um sentido bem mais teológico. No aoristo indica já uma «percepção aprofundada» ainda não absoluta da constatação do que se viu; esta visão não exprime ainda a plenitude da fé pascal. Tal plenitude é manifesta na forma do perfeito que é usada na experiência dos discípulos: «Vimos o Senhor» (ἑώρακαμεν τὸν κύριον – Jo 20, 25). O discípulo amado, no versículo 8, começou a crer, vendo os sinais sem ver Jesus. Diferente é a situação dos apóstolos, que viram o ressuscitado (cf. Jo 20, 25). Na segunda unidade do capítulo 20 11-18, não se encontra o verbo βλέπω, que dá lugar aos verbos θεωρέω (cf. Jo 12.14) e ὁράω no perfeito «ἑώρακα τὸν κύριον» (cf. Jo 20, 18)¹¹². Aqui, é declarado o «ver» característico da fé verdadeira. Maria Madalena, de quem iremos falar também noutro capítulo, a partir desta sua

¹¹¹ Cf. G. KITTEL, *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, Vol VIII, Fascicolo 1º, Paideia, Brescia, 1972, 957.

¹¹² M. I. ALVES, *Ressurreição e Fé Pascal*, Edições Didaskália, Lisboa, 1991, 223-224.

experiência, diz aos apóstolos, o mesmo que como vimos disseram também, que tinha tido uma experiência com o Senhor ressuscitado. Este «ver», desta forma colocado como uma forma de conhecimento, é potencializado e potencializa o «crer». Assim posto, o ver surge no Evangelho justamente no dinamismo da exaltação de Jesus pela Sua ressurreição. É, no fundo, a visão da glória de Deus. Contudo, este «ver» e «crer» verdadeiro e pleno, que está patente na ressurreição de Cristo e na Sua aparição aos discípulos, acarreta o mesmo dinamismo da experiência, fundamentada no verbo ὁράω, em relação ao «não ver» e «crer» daqueles que acolhem hoje o testemunho do Evangelho, como disse Jesus a Tomé: “λεγει αυτω ο ιησους οτι εωρακας με θωμα πεπιστευκας μακαριοι οι μη ιδοντες και πιστευσαντες” (cf. Jo 20, 29).

2.4 – “Vi o Senhor” e “Vimos o Senhor” como expressões plenas da Fé dos discípulos no encontro com o Ressuscitado

Na primeira Carta de São João está patente a importância que o autor dá à experiência. E ela está presente no Evangelho do começo ao fim. O próprio Verbo de Deus veio fazer a experiência de habitar no meio de nós. A comunidade joanina certamente viveu a fé em Jesus com um dinamismo relacional acentuado. A fé, vivida no amor a Deus e ao próximo leva a esta relação com o Ressuscitado. A experiência é justamente o motor do anúncio: «... *o que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos e as nossas mãos tocaram relativamente ao Verbo da Vida, ... damos testemunho e anunciamo-vos a Vida eterna que estava junto do Pai e que se manifestou a nós o que nós vimos e ouvimos, isso vos anunciamos para que também vós estejais em comunhão connosco*» (1Jo 1, 1-4). O Evangelho de João é, em si mesmo, o anúncio da experiência dos discípulos com Jesus, pelos Seus sinais e pelo grande sinal da Sua morte na cruz e ressurreição.

Este ver com os olhos e tocar com as mãos, em São João, é muito relevante. No Evangelho encontramos a narração das experiências, pessoal e comunitária, daqueles que

viram e tocaram em Jesus Ressuscitado. «Tomé, um dos Doze, (...) não estava com eles quando Jesus veio. *Diziam-lhe os outros discípulos: «Vimos o Senhor!» Mas ele respondeu-lhes: «Se eu não vir o sinal dos pregos nas suas mãos e não meter o meu dedo nesse sinal dos pregos e a minha mão no seu peito, não acredito»* (Jo 20, 24-25). Ver aqui, não se trata de mera curiosidade, ou como quem apenas observa de longe sem se envolver, como outros verbos poderiam sugerir, mas como quem quer fazer uma experiência pessoal, como quem quer ver com as mãos, é este o sentido profundo deste “vimos o Senhor”; e é este o sentido da suposta incredulidade de Tomé; No Evangelho de João, a experiência, este ver com as mãos, este “ver/conhecer” é condição *sine qua non* para a fé. A fé exige, urge, como denota o Evangelho pelo uso destas expressões, por uma experiência pessoal e comunitária, “vi” e “vimos”. A experiência pessoal, por sua vez, urge por uma experiência de grupo, comunitária. Por isso, Maria Madalena vai a correr avisar os Apóstolos.

João faz todo um caminho no Evangelho para chegar a este “ver” autêntico da fé no ressuscitado, como vimos. O ver dos discípulos, a fé da comunidade, «vimos o Senhor!» e o ver de Maria Madalena, pessoal e convicto, «*Vi o Senhor!*», são expressões máximas da verdade contemplada e acreditada. É interessante que do verbo aqui utilizado provenha a mesma palavra usada por Arquimedes, *eureka*, quando exclamou pelas ruas de Siracusa, ao fazer uma experiência, mergulhando o seu corpo numa banheira cheia d’água, descobrindo que “um corpo mergulhado num líquido sofre uma impulsão vertical de baixo para cima igual ao peso do líquido deslocado”. Enfim, «*ευρακα τον κρυπτον*», é a expressão perfeita, utilizada por quem fez uma experiência pessoal e marcante com Jesus. Vê-lo implica um encontro próximo e físico, não se trata de um ver à distância. Assim como Arquimedes fez uma experiência sensível, imergindo o seu corpo naquela banheira d’água, aquele que viu o Senhor Ressuscitado, fez uma experiência pessoal e sensitiva com Ele, imergindo-se, deixando-se envolver totalmente pela realidade da Sua vitória sobre a morte. Assim, a fé é propriamente consequência do encontro com Jesus e fundamenta-se no dinamismo de relação que se cria

com Ele após o encontro. A fé, na verdade, não é apenas um dom recebido, mas o dom em exercício. Exercitar a fé é próprio de quem se encontrou com Cristo e tornou-se Seu discípulo. Crer faz parte de um processo que se iniciou no encontro dialógico com Jesus Ressuscitado e que se prolonga no dinamismo da relação e comunhão pós-pascal vivida pelo discípulo, como Maria Madalena e como os apóstolos e depois Tomé, para que no fim se enquadrem todos os que virem o Senhor pelo “não ver” da fé, que também é um “ver” que produz um “crer” autêntico.

Conclusão

No Evangelho de João, vários termos querem dizer o mesmo que crer e, ainda, várias expressões denotam a relação vincada que existe entre ter fé e seguir Jesus. Tendo isso em conta no Evangelho, vemos como o leitor é conduzido à fé em Jesus. Mas não a uma fé qualquer, fundada apenas nos sinais que Jesus faz, mas, no fundo, uma fé que leva o leitor a tornar-se também discípulo, a crer como quem faz experiência da Ressurreição do Senhor, para obter a vida em Seu nome, como conclui o Evangelho (cf. Jo 20,31) antes do apêndice (capítulo 21).

O discipulado joanino acontece no dinamismo da ressurreição que gera vida naquele que se encontra com Cristo. Os verdadeiros discípulos são aqueles que estão em união profunda e constante com Jesus. Esta “constância” ou “permanência” define a condição de discipulado em João. O ponto fundamental de referência desta permanência é a palavra de Jesus (cf. Jo 8,31; 15,8). É preciso “permanecer na Sua palavra”, é preciso deixar-se penetrar pela Palavra (cf. Jo 15,7). Os discípulos, ao fim e ao cabo, são aqueles que Jesus atraiu a si mediante a Sua palavra e os seus sinais. Os discípulos são os que creem e a sua fé é protótipo para a comunidade cristã¹¹³.

¹¹³ Cf. B. S. SANTOS, *Teologia do Evangelho de São João*, Editora Santuário, Aparecida, 1994, 158-161.

No coração dos discípulos a fé nasce no encontro com o Deus vivo, presente no Ressuscitado, que chama e revela o seu amor: um amor que precede o amor do discípulo ao seu Mestre e sobre o qual pode apoiar-se para construir solidamente a vida¹¹⁴.

Assim, o discipulado estrutura-se, portanto, na conjuntura do crer que se efetiva na vida daquele que viu Jesus, que O experimentou, que permaneceu n'Ele, que O conheceu pela força do encontro e da experiência transcendente com o Ressuscitado.

¹¹⁴ Cf. FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, - *A luz da Fé*, 4, Paulus, Lisboa, 2013.

III CAPÍTULO

Os discípulos como protótipos de Fé

O uso explícito do simbolismo é uma particularidade evidente do Evangelho de João. Em relação a Jesus, João aplica vários símbolos: Água viva, Pão da vida, a verdadeira Vide, o Bom Pastor, etc¹¹⁵. Em relação aos discípulos, eles próprios tornam-se símbolos para quem lê o Evangelho, este que tem o objetivo único de conduzir à fé em Jesus. Os discípulos são modelos de fé, símbolos de atitudes crentes. Assim, numa configuração das suas vidas a Cristo, como ainda hoje o é, “quem os ouve, ouve a Cristo; quem os despreza, despreza a Cristo e Aquele que O enviou”¹¹⁶.

Cuidaremos de apresentar neste capítulo, de forma sucinta, apenas dando realce ao que interessa sobre o tema, fazendo a ligação necessária entre fé e discipulado, a realidade vivida por algumas personagens-modelo no Evangelho de João. Elas, em si mesmas, transcendem-se e evidenciam o Ressuscitado. Tais personagens ajudam o leitor a descobrir o processo da fé no dinamismo do encontro com Jesus. Apresentaremos, pois, as que julgamos ser mais importantes no contexto desta dissertação, embora surjam no Evangelho de João outras personagens, sobre as quais não falaremos, de carácter tão importantes como as que apresentaremos, como a família de Betânia, Marta, Lázaro e Maria, e outras personagens sem nome, como a samaritana e o cego de nascença, por exemplo. Ainda que muito se pudesse também dizer sobre eles, neste contexto, poderíamos correr o risco de repetir ideias e não atingirmos o objetivo pensado para a exposição dos conceitos inerentes à relação fé e discipulado.

É certo que o Evangelho de João, bem como os Sinóticos, não quer apenas narrar factos históricos, mas antes quer anunciar Jesus Ressuscitado, para que, pela fé n’Ele, todos

¹¹⁵ Cf. C. H. DODD, *Interpretación del cuarto evangelio*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 2004, 162.

¹¹⁶ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Lumen Gentium*, nº 20: *Sobre o Mistério da Igreja*, Editorial A. O., Braga, 1992, 75.

possam receber Vida plena em Seu nome (cf. Jo 20, 31). Os discípulos são, portanto, exemplos a serem seguidos, por isso, é preciso notar os contornos que João utiliza para os apresentar e como os enquadra no encontro-relação com Jesus.

Recorreremos aqui a algumas breves anotações que denotam o enquadramento dessas personagens no Evangelho, nos contornos da fé e do discipulado. Muitas páginas já foram escritas sobre temas de espiritualidade que fazem transparecer o modelo que cada uma dessas personagens se tornou para a Igreja, durante séculos, e ainda hoje o são. O objetivo do desenvolvimento deste tema não é, todavia, o de tratar de espiritualidade, mas de aprofundar o dinamismo específico da vivência da fé, a partir das pistas do Evangelho joanino que nos propusemos estudar. Sem dúvida, o Evangelho de João é um evangelho espiritual, escrito para ser lido à luz do Espírito que animou Jesus e continua a animar os seus discípulos¹¹⁷. Os discípulos surgem como arautos e paradigmas desse dinamismo fundamental da vivência cristã: o discipulado.

Essas personagens, ou melhor, esses discípulos, que são representantes da fé, nos moldes como João a faz brilhar, a partir do encontro com o Ressuscitado, prenunciam os discípulos de hoje, os místicos deste século, os cristãos que se encontram com Jesus, e que O experimentam, no dinamismo autêntico da fé.

Poderíamos começar aqui a falar sobre os apóstolos que são apresentados como “os discípulos” em sentido lato no Evangelho. Contudo, o que pessoalmente cada uma das personagens que apresentaremos retrata, serve bem para a compreensão do que já foi dito sobre a fé e o discipulado como encontro, permanência, conhecimento e relação com Cristo Ressuscitado. Os apóstolos formam, todavia, a imagem da Igreja que à volta de Pedro vive da fé em Jesus. Esta visão de conjunto deixaremos para o último capítulo, onde teremos em conta, numa visão eclesiológica, os discípulos de hoje e a fé que se exige no mundo atual.

Centremo-nos, pois, nalgumas personagens chave do Evangelho de João.

¹¹⁷ Cf. J. KONINGS, *Evangelho segundo João. Amor e fidelidade*, Edições Loyola, S. Paulo 2005, 63.

3.1 – O Discípulo Amado

O Evangelho de João apresenta um discípulo anónimo em alguns momentos de grande importância: após o lava-pés, esse discípulo é o confidente de Jesus (cf. Jo 13, 23); ao pé da Cruz (cf. Jo 19, 26), a Mãe de Jesus é-lhe confiada; ele corre ao túmulo com Pedro e é o primeiro a chegar, embora não entre, e a crer (cf. Jo 20, 2.8); ele reconhece Jesus à beira do lago e diz a Pedro (cf. Jo 21,7); o seu testemunho é de grande importância, é verdadeiro (cf. Jo 21, 24). Há ainda outras citações que são de provável relação com este discípulo: ele poderá ter sido discípulo de João batista com André (cf. Jo 1, 40); poderá ter sido ele a introduzir Pedro no palácio do sumo-sacerdote (cf. Jo 18,15); e ainda poderá ter testemunhado que jorraram do peito aberto de Jesus na Cruz sangue e água (cf. Jo 19,35)¹¹⁸. Embora anónimo, como já dissemos, é fortemente simbólico. Este discípulo representa a sua comunidade, representa a Igreja que corre com Pedro até ao sepulcro vazio, representa os discípulos que acreditam no Senhor e que O seguem e são amados por Ele.

Mas quem é esse discípulo? Apesar das diversas interpretações não é de todo descabido afirmar que o Apóstolo João seja esse discípulo. Assim como o discípulo amado no Evangelho aparece várias vezes com Pedro, também nos Atos dos Apóstolos isso acontece com o Apóstolo João. Este estaria praticamente ausente do quarto Evangelho se não houvesse essa designação que lhe é atribuída¹¹⁹. Há quem pense, e para este trabalho seria interessante discutirmos sobre essa ideia, que o “discípulo amado” assume no Evangelho apenas um carácter simbólico não sendo, na verdade uma personagem histórica. Contudo, é pouco plausível tal declaração, visto que também outras personagens, realmente históricas, assumem no Evangelho de João um papel simbólico, como Maria, Tomé e Nicodemos. Portanto, não há dúvida que o “Discípulo amado” era uma personagem real. Contudo, a sua função simbólica importa-nos muito aqui, devido ao facto de encontramos nele um modelo de fé e de

¹¹⁸ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Lectura del Evangelio de Juan. Jn 18 – 21*, Vol. IV, 256.

¹¹⁹ Cf. L. MONLOUBOU; F. M. DU BUIT, *Dicionário Bíblico*, Vozes, 2ª Edição, Aparecida, 2003, 198.

discipulado, necessários a todo aquele que se encontra com Jesus e que se faz Seu discípulo¹²⁰.

Ainda que identifiquemos o “discípulo amado” com o Apóstolo João, de pouco interesse será discursar sobre isso e tentar encontrar os motivos para que João não tenha posto o seu nome, pelo menos uma vez, ao falar do discípulo que Jesus amava. Quanto ao leitor, identificar-se como a pessoa do discípulo amado, dentro do seu simbolismo, é, nos meandros da fé, uma possibilidade contundente e obrigatória. Jesus ama os seus discípulos. Todos e cada um podem reconhecer-se nesta personagem real mas oportunamente sem nome. O discípulo amado é um modelo deste vínculo de amor entre o discípulo e o Mestre.

Sem dúvida, a afirmação mais acertada sobre quem é o discípulo amado é aquela que o aponta somente como a testemunha por excelência. Ele sabe que Jesus não se abalou com a traição de Judas (cf. Jo 13, 25-26); ele é a testemunha da cruz, o grande sinal (cf. Jo 19, 35); ele pode anunciar e interpretar a mensagem a respeito de Jesus, pois o seu testemunho é verdadeiro¹²¹. Portanto, todo aquele que pela fé se encontra com Jesus ressuscitado também pode ser sua testemunha autêntica.

Discorramos um pouco mais sobre a sua presença simbólica no Evangelho. Destaquemos algumas citações para evidenciarmos e analisarmos com mais precisão o que o evangelista nos quer dizer com esta personagem:

a) Em João 13,23 no contexto da última ceia, –“*Um dos discípulos, aquele que Jesus amava, estava à mesa reclinado no seu peito*” –, num momento crítico, em que Jesus solenemente revela que um dos discípulos O iria trair, esta personagem inclina-se sobre o seu peito para lhe perguntar quem seria o traidor. A cena revela intimidade, proximidade e confiança, a cumplicidade necessária entre o discípulo e o Mestre. Não há nada de mais necessário para o discípulo senão esta intimidade que compromete, que une, que gera vida.

¹²⁰ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Lectura del Evangelio de Juan. Jn 18 – 21*, Vol. IV, 256-257.

¹²¹ Cf. J. KONINGS, *Evangelho segundo João. Amor e fidelidade*, Edições Loyola, S. Paulo, 2005, 263.

b) Em João 19, 26-27, Jesus entrega-lhe Sua Mãe – “*Então, Jesus, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe: «Mulher, eis o teu filho!» Depois, disse ao discípulo: «Eis a tua mãe!» E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua*”. – Receber Maria como algo seu, recebê-la das mãos de Jesus é o mesmo que dizer que o discípulo amado goza de total crédito da parte do seu Mestre, a ponto de lhe confiar Sua Mãe, e por outro lado, sendo esta, Maria, a primeira discípula, mais se percebe que o discípulo amado usufrui da possibilidade de um caminho mais sólido e continuado com o Senhor. Acolher Maria é, de uma forma contundente, permanecer com Ele.

c) Em João 20, 2 na descrição do episódio do sepulcro vazio – “*Correndo, foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo, o que Jesus amava, e disse-lhes: «O Senhor foi levado do túmulo e não sabemos onde o puseram*” –, aqui, o discípulo amado é o primeiro a acolher a notícia e a correr com Pedro para o sepulcro. Será ele, também, o primeiro a acreditar. Quem ama acredita. O amor é o combustível da fé e do discipulado.

d) Em João 21, 7 a narração da aparição de Jesus aos apóstolos depois da ressurreição – “*Então aquele discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: é o Senhor. Quando, pois, Simão Pedro ouviu que era o Senhor, cingiu-se com a túnica, porque estava despido, e lançou-se ao mar*” – torna-se um marco na experiência de fé de quem vê e reconhece o Senhor. Reconhecê-l’O é o mesmo que afirmar que O conhece, que crê n’Ele.

e) Em João 21, 20, no epílogo do Evangelho, “*Pedro voltou-se e viu que o seguia o discípulo que Jesus amava, o mesmo que na ceia se tinha apoiado sobre o seu peito...*”, surge simbolicamente a Igreja, na pessoa de Pedro, que se preocupa com aquele que é amado por Jesus. Como refere Xavier Léon-Dufour, aqui, a postura relembra da inclinação sobre o peito de Jesus e a intimidade do diálogo revelam a ligação única do discípulo amado, reconhecida por Pedro, com Aquele que é fonte de vida para todos os que acreditam n’Ele¹²². A Igreja, na pessoa de Pedro, reconhece a importância do ser-se amado por Jesus.

¹²² Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Lectura del Evangelio de Juan. Jn 18 – 21*, Vol. IV, 242-243.

Como vimos, o discípulo amado aparece na maioria das vezes ao lado de Pedro numa atitude sempre melhor na fé e na posição em relação a ele. João quer que este discípulo seja símbolo da interioridade e da fé¹²³. Esta personagem efetivamente real e simbólica, no Evangelho de João, abre para os leitores o prisma da fé comprometida e vivida na relação de unidade com o Senhor.

3.2 – Simão Pedro

No Evangelho de João fala-se mais de Pedro do que qualquer outro discípulo que é nomeado. Trata-se certamente do facto de como Pedro era acolhido na comunidade joanina, onde o Evangelho surgiu. Pedro é aquele que confessa a sua fé e confessa-a também pelos discípulos (cf. Jo 6, 67-69); é entusiasta e ao mesmo tempo frágil na compreensão (cf. Jo 13, 6-11; 18, 10-11); é aquele que nega conhecer o Senhor (cf. Jo 18, 15-18.25-27). E, por último, a figura de Pedro, embora quase ofuscada pela figura do discípulo amado, é acentuada no capítulo 21, que terá sido acrescentado posteriormente, certamente para que o Evangelho fosse aceite em toda a Igreja nascente, realçando a tríplice afirmação do amor de Pedro a Jesus e o tríplice mandamento do Senhor, para que apascentasse o Seu rebanho, como o primeiro dos discípulos, aquele que sucederia ao Senhor na condução da Igreja¹²⁴. Daqui, conclui-se, não de forma inesperada, que Pedro, no Evangelho de João, surge numa dupla perspectiva simbólica: ele é modelo de discípulo e também representante da Igreja, da comunidade dos discípulos.

Realçando um primeiro aspeto desta personagem, centremo-nos aqui, então, na confissão de Pedro, que é de grande importância: *“Por isso nós cremos e sabemos que Tu és o Santo de Deus”* (Jo 6, 69). Pedro representa aqui toda a Igreja. Representa todo

¹²³ Cf. J. C. NEVES, *Escritos de São João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, 43.

¹²⁴ Cf. C. B. UBIETA, “Os discípulos de Jesus”, in S. G. Oporto (coord), *Actualidade Bíblica*, Difusora Bíblica, Fátima, 2004, 18-19.

discípulo de Cristo. Pedro é a voz do discípulo que não pode ser outro senão aquele que acredita e sabe, sabe porque conheceu e experimentou que Jesus é o Santo de Deus, o Filho de Deus vivo. A experiência de Pedro perante os sinais que contempla em Jesus leva-o a declarar a sua fé, que é a fé da Igreja. A figura petrina neste Evangelho tem um caráter eclesial. A voz de Pedro é a voz da Igreja, a voz dos discípulos de Cristo. Este “crer e saber” de Pedro revela uma verdadeira fé que não é um conhecimento abstrato, mas uma revelação existencial que une a Igreja a Cristo, como o bom Pastor “conhece” as suas ovelhas e elas O “conhecem”. A fé de Pedro e a que ele testemunha ser a dos discípulos é uma fé de experiência, de conhecimento no sentido próprio do verbo «*γινώσκω*»¹²⁵. Portanto, a resposta de Pedro, que deve ser a resposta da Igreja e dos discípulos, é a atitude concreta de quem acredita em Jesus, porque O conhece, porque não tem para onde ir senão pelo caminho do Senhor.

No diálogo com Jesus, no lava-pés, outro episódio paradigmático, Pedro apesar de ser ali uma personagem autónoma é também o porta-voz do grupo dos discípulos porque tem consciência que Jesus é o Santo de Deus e tal condição serviçal não lhe é compatível. A sua recusa é confrontada com a resposta benévola de Jesus, que desencadeia uma reação positiva em Pedro. Este, “*se não te lavo os pés não terás parte comigo*” (cf. Jo 13, 8), fez toda a diferença. O discípulo é aquele que “tem parte” com o seu Mestre. Ter parte no sentido de participar, repartir uma herança ou um bem. O que Jesus propõe é uma pertença efetiva e definitiva, uma comunhão de vida com Ele¹²⁶. Pedro não pode recusar. Os discípulos não podem refutar.

Noutro episódio, o da espada de Pedro que corta a orelha de Malco, há uma certa introdução à sua negação (cf. Jo 18, 15-18.25-27). Primeiro um gesto de valentia, embora desordenada, e depois três gestos de cobardia. Na primeira há aqui um simbolismo, Malco, de nome derivado de *mlk* (rei), tinha dignidade sacerdotal, e a orelha cortada tirar-lhe-ia tal

¹²⁵ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Lectura del Evangelio de Juan. Jn 5 – 12*, Vol. II, Sígueme, Salamanca, 2000, 150.

¹²⁶ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Lectura del Evangelio de Juan. Jn 13 – 17*, Vol. III, Sígueme, Salamanca, 2004, 28-29.

dignidade¹²⁷. Mas Jesus restitui-lhe o que Pedro lhe roubara. Na traição é Pedro que, por cobardia, oposta à sua valentia que lhe levou também ao erro, trai Jesus. Aqui, João usa o termo “discípulo”, ausente nos Sinóticos neste episódio. Pedro como discípulo arrisca seguir o Senhor, mas fracassa. João detém-se em acentuar a negação e não aponta o arrependimento como os Sinóticos. O discípulo Pedro negou a sua pertença a Cristo. É um risco de todos. João deixa em aberto. O problema de Pedro vai solucionar-se no capítulo 21: “*Simão, tu amas-me?*”¹²⁸. Fica também para o leitor, para os discípulos e para a Igreja, a possibilidade do amor que ultrapassa o fracasso e vence-o pela fé.

O relato do encontro de Pedro com Jesus Ressuscitado refere-se à sua missão e à missão do “Discípulo”, no interior da comunidade cristã. Jesus confia a Pedro o encargo de pastor do seu rebanho e anuncia o seu martírio. Quanto ao Discípulo amado, entenda-se o Discípulo amado mas também a pessoa de cada discípulo de Cristo, cabe-lhe o testemunho verdadeiro dessas coisas (cf. Jo 21, 20-24)¹²⁹. Esta é a missão de cada discípulo de Cristo hoje: testemunhar Cristo Ressuscitado, como Pedro e com Pedro.

3.3 – Maria Madalena

Nos evangelhos Sinóticos há uma opinião comum em apresentar Maria de Magdala como discípula do Senhor. Por isso, usam verbos típicos do discipulado, como seguir (*ακολουθήω*) e servir (*διακονήω*), como vemos em Marcos 15, 41, Mateus 27, 55 e Lucas 23, 49. João não precisa usar tais verbos para falar de Maria Madalena e assim apresentá-la como discípula do Senhor, pois coloca-a em momentos oportunos, lugares próprios dos verdadeiros discípulos¹³⁰. Ela está aos pés da Cruz (cf. Jo 19, 25). Ela é a primeira que vê o Ressuscitado e

¹²⁷ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Lectura del Evangelio de Juan. Jn 18 – 21*, Vol. IV, Sígueme, Salamanca, 2001, 36-37.

¹²⁸ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Idem*, 50-52.

¹²⁹ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Idem*, 232.

¹³⁰ C. B. UBIETA, “Os discípulos de Jesus”, in S. G. Oporto (coord), *Actualidade Bíblica*, Difusora Bíblica, Fátima, 2004, 22.

anuncia-O (“*vi o Senhor*” – Jo 20, 18) e aqui já vimos a força desta expressão. Estar com Jesus na Sua “hora” e ter um encontro com Ele na Ressurreição toca na essencialidade do discipulado, porque a fé atinge o seu ponto mais elevado na contemplação da glorificação do Senhor, onde Maria de Magdala pode contempla-la na primeira fila, ao lado de Maria, Mãe de Jesus e dos apóstolos.

Sozinha, diante do Senhor ressuscitado, diferentemente do que é apresentado nos evangelhos Sinóticos, ela é a discípula que anuncia a boa nova da ressurreição aos discípulos (cf. Jo 20, 17-18). Esta sua experiência, não diferente da experiência dos apóstolos, levou-a certamente, com eles, a formar novas comunidades cristãs¹³¹. Poderá ser intencional o facto de o autor usar o verbo *αγγέλλειν* associando Maria Madalena aos mensageiros, *αγγέλοι*, do v. 12, no capítulo 20. A mensagem que se esperava deles é proclamada por Maria. Ela é a primeira mensageira da nova comunidade. Ela anuncia agora que viu o *Kyrios*, o “Presente”. A mensagem que Maria entrega aos irmãos é a cura da “ausência” que os discípulos sentiam com a morte e sepultura de Jesus: *Eu vi o Senhor!* Ele está vivo¹³².

Maria Madalena tem um amor intenso pelo Senhor, a quem vai chamar de “*Rabuni*”, o seu mestre. No sepulcro, ela procura ao alvorecer, enquanto ainda estava escuro (cf. Jo 20, 1), estar com o seu amado, como a noiva que se levanta para procurar aquele que a sua alma ama (cf. *Cântico dos Cânticos 3,1*). Todo aquele que à maneira de Maria de Magdala põe-se a caminho à procura de Jesus, haverá de encontrá-lo. E aqui, Maria de Magdala é modelo de fé e de discipulado. A verdadeira experiência pascal dá-se no encontro com o Ressuscitado. Ela é protótipo desse encontro possível a todos. João descreve este encontro convidando-nos à meditação e à interiorização. A partir do encontro com o Senhor é possível aprofundar a nossa relação de amor e confiança com Jesus. Com a Ressurreição, o nosso amor para com Ele torna-se eterno e definitivo, como o de Maria de Magdala. Nesse amor louco de Maria por

¹³¹ I. B. GASS, *Uma introdução à Bíblia. As comunidades cristãs da primeira geração*, Paulus, São Paulo, 2005, 43-44.

¹³² Cf. J. KONINGS, *Evangelho segundo João. Amor e fidelidade*, Edições Loyola, S. Paulo, 2005, 353.

Jesus manifesta-se o mistério da Ressurreição¹³³. O discípulo verdadeiro não é outro senão o que é amado pelo seu Mestre e que O ama em troca, por isso permanece com Ele, por isso, vai ao seu encontro e, pela força desse encontro, anuncia-O. O discípulo verdadeiro é aquele a quem Jesus chama pelo nome. Maria foi uma dessas mulheres que João apresenta como discípulos de primeira classe. Ela era uma de “suas” ovelhas¹³⁴.

3.4 – Nicodemos

Nicodemos é uma personagem ausente nos Evangelhos Sinóticos. Apenas João o apresenta como uma figura misteriosa e simbólica no contexto dos que são apresentados no Evangelho como aqueles que buscam conhecer Jesus. Pouco se sabe sobre a sua vida, para além do que João relata. Lendo o capítulo terceiro de João, constatamos que era um dos principais do partido dos fariseus e «mestre em Israel». Ali, naquele encontro noturno, às escondidas (cf. Jo 3, 1- 2), podemos comparar Nicodemos com todos os que se deixam impressionar pelos milagres de Jesus e esperam d’Ele alguma luz. Em Jo 7, 50 encontramos-o de novo, a insurgir-se contra o juízo austero dos fariseus a respeito de Jesus e em Jo 19, 39 é quem garante uma sepultura digna a Jesus¹³⁵. Não podemos, contudo, assegurar que o seu simbolismo gire em torno da fé sólida em Cristo. Por isso, não passa da sepultura a sua presença no Evangelho, mas podemos garantir, numa leitura simbólica, que a sua personagem é emblemática no que toca à fé em embrião, como quem caminha para a fé concreta dos discípulos, que saem das sombras da noite e da escuridão do sepulcro para a luz da ressurreição.

Nicodemos é uma figura exemplar que ilustra bem como a fé no «Filho de Deus» é acolhida por pessoas cultas, dotadas de autoridade e de exigência intelectual, e não apenas pela gente humilde e pobre, o povo da terra, considerado «maldito» pelas autoridades judaicas

¹³³ Cf. A. GRUN, *Jesus, porta para a vida, O Evangelho de João*, Edições Loyola, São Paulo, 2008, 146-148.

¹³⁴ Cf. R. E. BROWN, *A comunidade do discípulo amado*, op. cit, 208.

¹³⁵ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Lectura del Evangelio de Juan. Jn 1 – 4*, Vol. I, Sígueme, Salamanca, 2001, 227.

(cf. Jo 7, 49). O Evangelista acentua que, «*até entre os chefes, muitos acreditaram n'Ele, mas não O confessavam por causa dos fariseus, para não serem expulsos da Sinagoga, pois amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus*»¹³⁶. Nicodemos é o exemplo claro de que era possível ser-se fariseu e doutor da Lei e acreditar em Jesus e até segui-l'O da noite das dúvidas, na noite da cruz até à noite do sepulcro.

Mas por que razão de noite? Não sabemos se João quis aqui fazer memória ao costume judaico de se ler a Torá de noite ou simplesmente quis acentuar o medo aos judeus. Outros pensarão, tendo em conta os assuntos ali tratados, de tão grande profundidade e mistério, que a noite simbolize justamente esta atmosfera misteriosa tão pela forma como é feita como pelo assunto que tratam: o novo nascimento e o mistério do Filho do homem. O certo é que Nicodemos vem da noite à luz, que veio ao mundo (cf. Jo 3,19)¹³⁷. Se a Torá era lida comumente de noite pelos judeus, ali, na calada da noite, Nicodemos tinha o seu encontro com o Verbo de Deus.

A terceira e última vez, como sabemos, que surge a figura de Nicodemos em João é no momento da sepultura de Jesus. Nicodemos junta-se a José da Arimateia. O evangelista afirma que Nicodemos, «*aquele que antes tinha ido ter com Jesus de noite, apareceu também, trazendo uma mistura de perto de cem libras de mirra e aloés*» (Jo 19, 39). Cumpre-se aqui o que Jesus havia dito: «*Quando for erguido da terra, atrairei todos a mim*» (Jo 12, 32). O evangelista faz notar a singular coragem e generosidade de Nicodemos. Comprar cerca de trinta quilos de substâncias aromáticas para sepultar Jesus representava um gasto notável e aparece como o ponto culminante da fé e do amor a Jesus, contudo pode ser um indício de que não contavam com a Ressurreição. Nos Sinóticos também outros discípulos, como os de Emaús, estavam descrentes. Todavia, João usa o verbo *λαμβάνω* para dizer que os dois acolheram, tomaram o corpo de Jesus. Este verbo pode indicar o acolhimento da fé (cf. Jo 1,

¹³⁶ Jo 12, 42-43.

¹³⁷ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Lectura del Evangelio de Juan. Jn 1 – 4*, Vol. I, Sígueme, Salamanca, 2001, 228.

12; 3, 11; 5, 43; 13, 30)¹³⁸. Portanto, João quer mostrar alguns indícios de fé e de seguimento a partir daqueles homens que representavam os chefes de Israel. Eles reconheceram a dignidade de Jesus. Vieram a Ele atraídos pelos seus sinais e agora, ali, estão diante do grande sinal da Cruz, da glória do Senhor¹³⁹. Nicodemos pertence, pois, ao grupo de pessoas importantes, como José de Arimateia, que levaram tempo a decidirem a favor de Jesus¹⁴⁰. Mas quando decidiram acolheram-n’O e reconheceram n’Ele a sua dignidade de Filho de Deus.

A sua presença na sepultura de Jesus indica o processo da fé que, de alguma forma espera a força da ressurreição. Só a Ressurreição fortalece a fé. Através da experiência com o Ressuscitado, Jesus deixará de ser para Nicodemos, e para todos os que se dizem discípulos d’Ele, o “Mestre”, vindo de Deus, mas o próprio Filho de Deus, o Enviado do Pai para a salvação dos homens.

3.5 – Tomé, chamado gémeo

Devemos ao Evangelho de João a maior parte das informações bíblicas que temos acerca desse que é conhecido como o *discípulo da incredulidade*. O termo hebraico Tomé significa *Gémeo*, assim como a palavra grega Dídimos, pela qual o apóstolo também era chamado (Jo 11.16, 20.24, 21.2). Tomé foi um dos doze apóstolos de Jesus e o Evangelho de João dá-lhe grande destaque:

a) Em João 11,16, ele incita os discípulos a seguirem Jesus e a morrerem com ele na Judeia: “*Tomé, chamado Gémeo, disse aos companheiros: «Vamos nós também, para morrermos com Ele»*”.

¹³⁸ “*Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que crêem no seu nome*” - ὅσοι δε ἔλαβον αὐτὸν ἔδωκεν αὐτοῖς ἐξουσίαν τέκνα θεοῦ γενέσθαι τοῖς πιστεύουσιν εἰς τὸ ὄνομα αὐτοῦ - (1, 12)

¹³⁹ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Lectura del Evangelio de Juan. Jn 18 – 21*, Vol. IV, Sígueme, Salamanca, 2001, 148-149.

¹⁴⁰ Cf. J. C. NEVES, *Escritos de São João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, 143.

b) Em João 14, 5-6, é ele quem pergunta a Jesus, durante a Última Ceia, sobre o caminho que conduz ao Pai: *“Senhor, não sabemos para onde vais, como podemos nós saber o caminho?”* Diz-lhe Jesus: *“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém pode ir até ao Pai se não por mim”*.

c) Em João 20, 26 e 21,2 Tomé encontra-se com Jesus Ressuscitado e percorre as etapas da fé que culmina na confissão que ficou para a história, evocando Jesus como Deus e Senhor: *“Oito dias depois, estavam os discípulos outra vez, dentro de casa e Tomé com eles. Estando as portas fechadas, Jesus veio, pôs-se no meio deles e disse: “A paz esteja convosco!”. Depois, disse a Tomé: “Olha as minhas mãos: chega cá o teu dedo! Estende a tua mão e põe-na no meu peito. E não sejas incrédulo, mas fiel!” Tomé respondeu-lhe: “Meu Senhor e meu Deus!”* (Jo 20,26-28). Nesta última passagem, com este ato de fé e de amor a Jesus, deixou-nos, esse discípulo, um grande testemunho, como afirmou São Gregório Magno: *“mais nos serviu para a nossa fé a incredulidade de Tomé do que a fé dos discípulos fiéis”*¹⁴¹.

Este ver com os olhos e tocar com as mãos, em João, é muito relevante. No Evangelho encontramos a narração das experiências, pessoal e comunitária, daqueles que viram e tocaram em Jesus Ressuscitado. *«Tomé, um dos Doze, (...) não estava com eles quando Jesus veio. Diziam-lhe os outros discípulos: «Vimos o Senhor!» Mas ele respondeu-lhes: «Se eu não vir o sinal dos pregos nas suas mãos e não meter o meu dedo nesse sinal dos pregos e a minha mão no seu peito, não acredito»* (Jo 20, 24-25). O desejo de Tomé é o desejo do discípulo que anseia pela experiência do encontro com o Senhor. Querer tocar é próprio de quem ama. É próprio do discípulo, perante a ausência do Mestre, dizer, “se eu não vir, se eu não tocar, não acredito”. Ver, não no sentido da curiosidade, ou como quem apenas observa de longe sem se envolver, mas como quem quer fazer uma experiência pessoal, como quem quer ver com as mãos, é este o sentido profundo deste *“vimos o Senhor”* e é este o sentido da

¹⁴¹ A. C. de BARROS, *Doze homens e uma Missão*, Editora Luz e Vida, Curitiba, 1999, 94-100.

suposta incredulidade de Tomé; e isto é condição *sine qua non* para a fé que o Evangelho quer fazer notar e testemunhar. A fé exige uma experiência pessoal, que não é um único caminho, pois também a experiência pessoal insta por uma experiência de grupo, comunitária. Por isso, Maria Madalena foi a correr avisar os Apóstolos; assim também fizeram os dois solitários e decepcionados discípulos de Emaús, no Evangelho de Lucas. Contudo, a experiência pessoal é imprescindível, porque impele e potencia o dinamismo comunitário. Mas situemo-nos na atitude de Tomé. A condição que ele põe para acreditar, no fundo, não é de toda incredulidade, mas desejo de experiência. Também ele quer dizer “vi o Senhor” para entrar no contexto comunitário do “vimos o Senhor”. No lugar de Tomé quem não quereria também ver e tocar o Senhor? Contudo, na narrativa Tomé não toca o Corpo do Senhor. Mas Tomé experimenta o Senhor Ressuscitado. No fundo, deixa-se tocar por Ele, o que é mais importante. Da sua boca então surge a mais arrojada de todas as confissões do Evangelho de João: “*Meu Senhor e meu Deus*”. Esta confissão encerra a confissão de todos os cristãos de todos os tempos: “*Felizes os que creem sem terem visto*” (Jo 20, 29)¹⁴². Esta confissão encerra o cerne da questão da fé e do discipulado.

Ver Jesus e crer n’Ele não é apenas um privilégio, mas é uma missão. As gerações seguintes, que não veriam Jesus como Maria Madalena e os apóstolos viram, deverão acreditar pela palavra dos que foram testemunhas desde o início (cf. Jo 17, 20; 15, 27). O próprio evangelista escreveu o Evangelho com um objetivo evangelizador (Jo 20, 30-21). Tomé poderia, ao invés de exigir o contato físico com o Senhor, ter acreditado pelo testemunho dos discípulos, mas Jesus aparece-lhe e diz-lhe para tocar, conforme a sua exigência, mas acrescenta que não seja incrédulo, porque acreditar em Jesus vale pela sua experiência possível, num dinamismo que ultrapassa a dimensão física, pela força da sua Ressurreição. Por isso, a cena dos versículos 24 a 29 descreve a sucessão das gerações que começa com a geração das testemunhas oculares, que precisam de sinais palpáveis para

¹⁴² Cf. J. C. NEVES, *Escritos de São João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, 292-293.

transmiti-los às gerações futuras que devem crer sem ter visto (29b)¹⁴³. Tomé não precisou tocar o Senhor fisicamente, pelo menos o Evangelho não diz que o tenha feito, para acreditar no Senhor e professar a fé n'Ele, como Deus e Senhor. Deixou, no entanto, um testemunho fundamental. A fé exige para o discípulo a experiência do encontro do Senhor que se manifesta a cada um conforme a necessidade de cada um.

Se Tomé é “gémeo”, eis o simbolismo do seu nome: o outro irmão pode ser qualquer um que se faz discípulo do Senhor, acreditando sem ter visto, mas vivendo a mesma experiência de encontro que o Apóstolo gémeo teve.

3.6 – Maria, a “Mãe de Jesus”, modelo principal de Fé e discipulado

Maria, no Evangelho de João, está presente no início e no fim do ministério público de Jesus. Na intervenção das bodas de Caná inaugura-se a hora escatológica que encontrará o seu ápice na entrega de Jesus na Cruz. Na Cruz (cf. Jo 19, 17), Ele dá a vida pelos homens e entrega Maria, não só ao Discípulo amado, mas a todos os discípulos. A maternidade de Maria deve estender-se a todos os que creem em Jesus. Aqui se encerra o que significam as palavras de Jesus na Cruz: «*Mulher, eis o teu filho... Eis a tua mãe*» (Jo 19, 26-27). Maria, a “Mulher”, que no seu sim a Deus e por obra de Deus gerou Jesus, o enviado do Pai, recebe também, aos pés da cruz, o encargo de gerar o novo povo de Deus¹⁴⁴.

No Evangelho de João a Mãe de Jesus não tem nome. Somente em dois episódios, porém marcantes e decisivos, João fala sobre Maria: em Caná, é ela quem *desencadeia o milagre da transformação*¹⁴⁵ e no Calvário, junto à cruz testemunha a conclusão dessa transformação¹⁴⁶. A Mãe de Jesus está, pois, no início (Jo 2, 1-5) e na conclusão (Jo 19, 25-27) da obra de Jesus. O seu papel histórico-salvífico é introduzir Jesus no mundo, inseri-lo na

¹⁴³ Cf. J. KONINGS, *Evangelho segundo João. Amor e fidelidade*, Edições Loyola, S. Paulo, 2005, 360.

¹⁴⁴ Cf. T. MUNARI, *Uma Mãe para o homem do terceiro milênio*, Paulus, Apelação, 2002, 40.

¹⁴⁵ A. GRUN, *Jesus, porta para a vida, O Evangelho de João*, Edições Loyola, São Paulo, 2008, 43.

¹⁴⁶ Cf. Idem, 142.

humanidade. Na hora da finalização da obra de Jesus e da entrega da obra, não só ao Pai, mas também aos seus, o ponto de referência é novamente a “Mãe”, aquela que marcou o primeiro sinal da glória de Jesus. Duas interpretações simbólicas surgem relacionadas a Maria a partir destas cenas: Maria, Mãe da Igreja, e Maria, Novo Povo de Deus ou “Nova Sião”. Ela deu ao mundo não só Jesus mas agora dá ao mundo a comunidade de discípulos¹⁴⁷. Nas bodas de Caná ela estava presente com um olhar atento, nada preocupada consigo mas pronta a perceber os diversos aspetos da situação. É discreta e reservada. Vai ao essencial. Confia no Filho. Sabe que a Ele se deve toda a primazia, por isso diz: “*fazei o que Ele vos disser*” (Jo 2, 5)¹⁴⁸. Maria é discípula por excelência. Ela conhece o Filho. No episódio da cruz, o Discípulo amado leva-a para casa, assume-a como “coisa sua”. Há ali naquela cena uma profunda comunhão de desígnios, espiritual e apostólica¹⁴⁹. Levar Maria para casa, tê-la como algo que lhe pertence, completa o Discípulo na essência de discípulo, porque ninguém como ela pode viver tão intensamente o que é próprio de um discípulo, a intimidade que se requer com o Mestre. Na cruz, João entende o papel de Maria em relação à missão de discípulo¹⁵⁰, por isso Jesus entrega-a aos cuidados do Discípulo amado e entrega o discípulo aos cuidados dela. O discípulo leva Maria consigo, recebe-a como algo que lhe pertence. Sendo mais fiel à tradução do grego, “*εἰς τὰ ἴδια*”, ele acolhe-a na sua própria realidade, no seu próprio ser. Esse aceitá-la na sua própria vida é o testamento do Senhor para o Discípulo. Assim, ali, no Calvário, onde brota, sob a figura de sangue e água, a fonte da salvação (Jo 19, 34), Jesus deixa a cada um dos seus discípulos, como herança preciosa, a sua própria Mãe¹⁵¹.

Jesus trata Maria por “Mulher” em dois momentos cruciais no Evangelho (cf. Jo 2, 4; 19, 26). Num e noutro episódio, Maria é discípula, segue Jesus (cf. Jo 2, 12; 19, 27). Ela é quem melhor compreende a missão de Jesus: sabe “a Hora” e antecipa “a Hora” (cf. Jo 2, 4-

¹⁴⁷ Cf. J. KONINGS, *Evangelho segundo João. Amor e fidelidade*, Edições Loyola, S. Paulo, 2005, 341.

¹⁴⁸ Cf. C. M. MARTINI, *Liberdade que se dá*, Gráfica de Coimbra, Assafarge, 1997, 102-103.

¹⁴⁹ Cf. Idem, 136-137.

¹⁵⁰ Cf. J. C. NEVES, *Escritos de São João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, 207.

¹⁵¹ Cf. Bento XVI, *A alegria da Fé*, Paulinas, Prior Velho, 2012, 98.

5)¹⁵². Há muitos simbolismos que João possivelmente quis que os seus leitores associassem com a Mãe de Jesus. Um desses simbolismos refere-se ao discipulado¹⁵³. Maria está intimamente ligada a Jesus e aos discípulos. Está ligada aos discípulos nas bodas de Caná, pois o sinal de Jesus conduz os discípulos à fé; e na cruz, embora na pessoa do Discípulo amado, todos os discípulos são chamados a acolher Maria, na hora de Jesus e a partir daquela hora¹⁵⁴.

Nas bodas de Caná Jesus antecipa essa hora, por intercessão de Maria, aceitando oferecer a alegria messiânica, prefigurando a salvação por um gesto que O compromete de forma irreversível no caminho dos “sinais”, que O obriga a caminhar para a Sua hora: “*Foi este o primeiro Milagre de Jesus. Realizou-o em Caná da Galileia. Manifestou a Sua glória e os Seus discípulos acreditaram n’Ele* (Jo 2, 11)¹⁵⁵. Maria estava presente na antecipação e no ato dessa hora de Jesus.

João tem em vista evidenciar o que Maria foi e continua a ser na História da Salvação. O emprego sistemático dos termos «Mulher» e «Mãe de Jesus» sugere que a dimensão pessoal e histórica de Maria não tem o seu ponto de interesse. João vê apenas a relevância simbólica que destaca o papel da «Mãe de Jesus» no plano salvífico. Nela, e no que ela significa no plano da salvação, estão incluídos todos os discípulos, os que creem perante os sinais e os que creem perante o grande sinal da cruz e com ela se põem de pé a contemplar a glória de Jesus. Como vimos, no Evangelho de João, a fé em Jesus Cristo é a condição «*sine qua non*» para o discipulado. No que toca à Mãe de Jesus, a comunidade cristã, desde os seus primórdios, não teve dificuldade em reconhecer nela a resposta mais adequada e a adesão mais autêntica ao chamamento de Deus¹⁵⁶. Inserida neste esquema de fé e discipulado, a

¹⁵² Cf. RAMOS, M. C., XXXII Semana Bíblica Nacional, “Maria, modelo de acolhimento à Palavra”, Difusora Bíblica, in *A Palavra de Deus na vida e na Missão da Igreja*, Gráfica de Coimbra, 2009, 199-200.

¹⁵³ Cf. R. E. BROWN, *A comunidade do discípulo amado*, op. cit., 203.

¹⁵⁴ Cf. J. C. NEVES, *Escritos de São João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, 137.

¹⁵⁵ Cf. A. JAUBERT, *Para ler o Evangelho de S. João*, in *Cadernos Bíblicos*, Difusora Bíblica, Lisboa, 1994, 38.

¹⁵⁶ Cf. R. FISICHELLA, *A fé como resposta de sentido. Abandonar-se ao Mistério*, Paulinas, Prior Velho, 2006, 80.

figura da «Mãe de Jesus» foi sempre interpretada simbolicamente. Ali, Ela aparece como a perfeita e ideal crente. E por isso, a perfeita e ideal discípula de Jesus. Ela é a nova Eva, a Arca da Nova Aliança, Ícone da Igreja, a primeira discípula. Os discípulos autênticos levam-na para casa, como coisa sua, como fez o Discípulo amado, a pedido de Jesus.

Maria realizou caminho de fé, a sua peregrinação da fé seguindo o seu Filho. Ela deixa-se transformar por Ele, entrando no olhar próprio do Filho de Deus encarnado¹⁵⁷. A sua presença no começo e no fim do ministério salvífico do Filho de Deus, evoca a necessidade de todos os crentes perceberem que em Maria, à imagem da Igreja, estão postos todos os dinamismos do discipulado, porque ela é a primeira discípula do seu Filho. Ela inaugura o discipulado. E isto está presente no dinamismo da “Hora” de Jesus, na qual Maria se vê inserida no Evangelho, que vai do «*ainda não chegou a minha hora*» (Jo 2, 4) à derradeira hora da consumação, quando o Filho de Maria exclama «*Tudo está consumado*» (Jo 19, 30)¹⁵⁸. Por isso, afirma a Igreja, que a maternidade espiritual de Maria, deriva da sua participação no Mistério do Salvador, da anunciação até à Cruz (cf. LG 62).

Conclusão

Os discípulos, apresentados no Evangelho de João, são testemunhas da ressurreição de Jesus. E testemunhar, no processo da fé, é fundamental. Este é o tema central dos últimos capítulos do Evangelho. Trata-se de testemunhar e compreender o sentido da morte redentora de Jesus.

No Evangelho de João percebemos a intenção clara de testemunhar a pessoa de Jesus como única fonte segura e perene de salvação. O discípulo é aquele que se encontrou com Jesus, que permaneceu n’Ele, que viveu o dinamismo da intimidade, que fez a passagem da

¹⁵⁷ Cf. FRANCISCO, *Carta Encíclica Lumen Fidei*, - *A luz da Fé*, 58, Paulus, Lisboa, 2013, 78.

¹⁵⁸ Cf. D. S. KULANDAISAMY, “*The first sign of Jesus at the wedding at Cana*”, in *Marianum*: 68 (2006), 80-81; X. LÉON-DUFOUR, *op. cit.*, Vol. IV, Sígueme, Salamanca, 2001, 112-123.

servidão para a amizade e que testemunha e confessa que mais ninguém tem as palavras de vida eterna que o Senhor tem. E, a partir daqui, anuncia-O ao mundo: *“Vi, o Senhor!”*

Muitos outros discípulos, presentes no Evangelho de João poderiam ter sido aqui apresentados e encontraríamos neles o propósito do evangelista em colocá-los como modelos de fé. Estes, aqui apresentados, serviram apenas para fazer notar que o discípulo de Cristo não pode ser outro, senão aquele que se deixa tocar pelo Senhor. A experiência com o Ressuscitado maravilhou e mudou por completo a vida daqueles que foram os primeiros arautos do Evangelho de Cristo, anunciadores da maravilhosa experiência com o Filho de Deus que veio ao mundo para salvar a humanidade. O testemunho deles é verídico, digno de confiança.

IV CAPÍTULO

A comunidade cristã no dinamismo da Fé joanina

Não poderíamos deixar de enquadrar a relação fé e discipulado dentro do contexto da comunidade crente, da Igreja que nasceu da fé no Ressuscitado. A Igreja foi edificada sobre o fundamento dos Apóstolos como comunidade de fé, de esperança e de caridade. É justamente pelos apóstolos que chegamos ao próprio Jesus. A luz do rosto de Jesus, que conquistou alguns pescadores da Galileia, hoje irradia na Igreja. A Igreja é imagem de Cristo. Ela, comunidade de discípulos, irradia a luz do seu olhar¹⁵⁹. O cerne da eclesiologia joanina tem este prisma e consiste numa relação vital dos discípulos com Jesus. Nessa relação os discípulos são sinal da Igreja¹⁶⁰. Assim, podemos dizer que a Igreja, que nasce do grupo daqueles que acolheram Jesus como o Enviado do Pai e acreditaram n'Ele, não é outra coisa senão aquela que vive todo o dinamismo do discipulado, que compreende o processo da fé em Jesus Ressuscitado e vive o apostolado do anúncio e do testemunho, visto que ainda está no mundo, mas não pertence ao mundo (cf. Jo 17, 11-12; 15-16).

A palavra “Igreja” e o conceito de “Povo de Deus” nunca aparecem no Evangelho de João, como relata R. E. Brown¹⁶¹, na introdução do seu livro, “a comunidade do Discípulo amado”. Mas é notório que o Evangelho, de modo particular, comporta sistematicamente e teologicamente uma dimensão eclesiológica. Podemos vislumbrar nas entrelinhas a existência de uma comunidade futura, que prolongará no mundo a missão da obra de salvação do Enviado do Pai. João denota uma clara preocupação missionária. Ainda que a visão joanina sobre a Igreja possa implicar um cristianismo de «eleitos» e «perfeitos», como já afirmaram alguns autores, há quem assegure que, em João, tem-se uma comunidade não do mundo, mas

¹⁵⁹ Cf. BENTO XVI, *A alegria da Fé*, Paulinas, Prior Velho, 2012, 73.

¹⁶⁰ Cf. B. S. SANTOS, *Teologia do Evangelho de São João*, Editora Santuário, Aparecida, 1994, 159.

¹⁶¹ Cf. R. E. BROWN, *A Comunidade do Discípulo Amado*, Paulus, São Paulo, 2003, 11.

no mundo e para o mundo¹⁶². O que torna claro uma tensão missionária que ultrapassa a realidade de uma suposta comunidade de iluminados que contrapõe a uma Igreja aberta ao crescimento.

A consciência da comunidade crente, os discípulos, ser enviada ao mundo para suscitar a fé em Jesus, está presente no Evangelho. Isto é notório na relação de três passagens do Evangelho: em João 10, 16, quando Jesus faz referência às «outras ovelhas» do rebanho; em João 11, 51-52, quando se refere à unidade dos «filhos de Deus dispersos»; e em João 17, 20-21, quando Jesus ora ao Pai pela comunidade futura.

Em João, de modo simbólico, a Igreja é apresentada como comunidade de fé escatológica, porque é formada por aqueles que se tornaram filhos de Deus, os que acreditaram no nome de Jesus. Todavia, de um jeito muito particular, o evangelista delinea a sua ideia sobre a Igreja, expondo, ao invés de usar as expressões e o ensino sinótico sobre o «Reino de Deus» ou «Reino dos Céus», a sua doutrina sobre a Vida. O autor prefere «discípulos» ao invés de «Doze apóstolos» (com exceção de Jo 6, 70-71); o evangelista não apresenta as parábolas do Reino, antes apresenta duas metáforas essenciais de género eclesial: a do Bom Pastor e do rebanho (Jo 10, 1-18) e a da videira e dos ramos (Jo 15, 1-8)¹⁶³; e, ainda, faz outras alusões que, de certo modo, significam a mesma realidade eclesial: a da esposa do Messias (Jo 3, 27-30), a do povo (Jo 11, 50-52; 18, 14), a da túnica sem costura, aludindo ao sacerdócio de Cristo (Jo 19, 23-24), a da rede de Pedro (Jo 21, 1-14), e, ainda, a própria figura de Maria, a «Mulher», na qual se vê prefigurada a Igreja crente (Jo 19, 26-27).

João apresenta também uma visão espiritual da Igreja. A sua preocupação principal é a de afirmar a relação íntima e direta que existe entre os crentes, membros da Igreja, e Jesus. Aqui, o evangelista não se distancia da compreensão eclesial dos sinóticos, pois abre espaço para uma reflexão autenticamente comunitária. O dinamismo da permanência, que revela a comunidade crente como discipulado e define, substancialmente, a própria condição do

¹⁶² Cf. B. S. SANTOS, *Teologia do Evangelho de São João*, op. cit., 235-238.

¹⁶³ Cf. J. C. NEVES, *op. cit.*, 100-101.

discipulado, é a prova concreta disto. A fé e o discipulado têm como consequência direta a vida comunitária. Os discípulos creem, formam a comunidade crente e permanecem em Jesus. Esta relação, entre Jesus e os discípulos, é um dinamismo eclesial por excelência. Relacionar-se com Jesus, dentro deste dinamismo de fé, é o que vive a Igreja. Tal relação, como vimos que está fortemente patente no Evangelho, é o protótipo da comunidade cristã pós-pascal¹⁶⁴.

João, portanto, não ignora a atividade missionária cristã (cf. Jo 4,35-38; 20, 21), o conflito entre a comunidade crente e o mundo (cf. Jo 16, 8), a conversão de todos aqueles que escutam e acolhem o anúncio da Palavra (cf. Jo 17, 20) e a reunião de todos, até que se forme um só rebanho e um só Pastor (cf. Jo 11, 52; 10, 16; 21, 15-17). A questão eclesial no Evangelho de João não está na existência ou não da Igreja, mas no modo como a Igreja, a comunidade crente, se relaciona com Jesus, vive e dinamiza a sua fé. A pedra de toque de todo o Evangelho é a relação estruturante que a comunidade crente mantém com Cristo que está sempre presente, pelo Espírito Santo¹⁶⁵.

Cristo que, levantado da terra, atraiu todos a Si (cf. Jo 12, 32), depois de ter ressuscitado dos mortos, enviou aos discípulos o Seu Espírito e por Ele constituiu o Seu Corpo (Igreja), como Sacramento universal de Salvação.

Na Igreja, pela fé, hoje somos instruídos também sobre o sentido da nossa própria vida temporal, enquanto, com esperança dos bens futuros, levamos a termo a obra que nos foi confiada no mundo pelo Pai, em Igreja, para que assim, também nós nos tornemos participantes da missão salvífica de Cristo (cf. LG 48). O Evangelho de João é a testemunha mais forte e verdadeira desta certeza e vivência eclesial. A Igreja não é outra coisa senão aquela que permanece em Cristo (cf. Jo 15, 4). Ela é o povo unido em Cristo (cf. Jo 17, 11) através do qual a Palavra é anunciada (cf. Jo 17, 20), onde os discípulos permanecem no Senhor, onde se dá continuamente o encontro com o Ressuscitado.

¹⁶⁴ Cf. B. S. SANTOS, *Teologia do Evangelho de São João*, op. cit., 157-162.

¹⁶⁵ Cf. R. E. BROWN, *op. cit.*, I-XIII, 134.

Veremos agora algumas imagens simbólicas que João apresenta sobre a Igreja, e tentaremos enquadrar o dinamismo do discipulado na identificação do que a Igreja é, segundo o Evangelho joanino.

4.1 – Imagens joaninas sobre a Igreja

As expressões e as imagens eclesiais que aqui vamos tratar revelam que, ainda que João sublinhe fortemente o caráter pessoal da fé e da relação de cada discípulo com Jesus, o elemento social e comunitário da fé está presente e jamais desaparece. Tais expressões e imagens procuram justamente mostrar que uma realização existencial sem a Igreja é impensável para o evangelista¹⁶⁶.

Como sabemos, João não apresenta as parábolas do Reino, mas apresenta metáforas ou alegorias fundamentais, de substância eclesial, que vamos agora aqui analisar sucintamente:

a) A esposa do Messias (Jo 3, 27-30¹⁶⁷): é uma imagem de caráter nupcial que se encontra no testemunho de João Batista. O ponto importante nesta passagem é a alusão inequívoca à realidade da Igreja. Aqui, Jesus é o esposo messiânico, o Senhor do povo de Deus, e a comunidade cristã é a esposa de Cristo. Os crentes, que constituem a comunidade messiânica são escolhidos pelo Pai e dados ao Filho (cf. Jo 6, 37-40; 17, 2.6.8.9s). O vocábulo “esposa” indica a intimidade com o seu Senhor e Esposo, Jesus, apresentado por João como Rei messiânico (cf. Jo 18, 33-38a). Em várias passagens do Antigo Testamento há esta imagem do povo de Israel como esposa de *Iahweh* (cf. Is 62,4; Jr 2, 2; 3, 20; Ez 16, 8; Os 2, 21)¹⁶⁸. João evidencia esta realidade patente no novo Israel que é a Igreja, comunidade crente.

b) O rebanho (cf. Jo 10, 1-18): Jesus é o Bom Pastor que “dá a vida pelas ovelhas” (cf. Jo 10, 11); Ele conhece as suas ovelhas e elas conhecem-no a Ele (cf. Jo 10, 14), tem outras

¹⁶⁶ Cf. B. S. SANTOS, *Teologia do Evangelho de São João*, op. cit., 163.

¹⁶⁷ “*Quem tem a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo que está ao seu lado e o ouve, muito se alegra com a voz do esposo*” (Jo 3, 29).

¹⁶⁸ Cf. B. S. SANTOS, *Teologia do Evangelho de São João*, op. cit., 163-165.

ovelhas que não são deste redil, e é preciso trazê-las, elas ouvirão a sua voz e haverá um só rebanho e um só pastor (cf. Jo 10, 16). A imagem joanina do Pastor lembra a temática eclesial do Antigo Testamento, onde Israel desde o seu nascimento a partir da libertação da escravidão no Egito, é o rebanho do Senhor (cf. Sl 77, 20; Is 63, 12-14). Há uma perfeita ligação com a passagem de Ezequiel 34, que contem diversos paralelos com o texto joanino¹⁶⁹.

c) O povo de Deus (cf. Jo 11, 50-52; 18, 14): em João, a Igreja é também o novo povo de Deus e não só a esposa e rebanho de Cristo. É bastante expressiva, a este respeito, a profecia do sumo-sacerdote Caifás¹⁷⁰. Para ele, Jesus deve morrer por todo o povo (*laos*), para que não pereça toda a nação (*ethnos*). Nota-se que a expressão *laos* é usada comumente para designar Israel, povo de Deus, e *ethnos* usada para se referir aos gentios. João introduz a certeza de que com a morte de Jesus formar-se-á um novo e único povo de Deus, do qual faz parte os judeus e os gentios. O rebanho de Cristo, por tanto, compreende tanto as ovelhas do primeiro redil (o povo de Israel) como as ovelhas errantes e todos aqueles que se voltam com fé para o exaltado na cruz (cf. Jo 12, 32)¹⁷¹.

d) A Videira verdadeira e os ramos (cf. Jo 15, 1-8): o símbolo da videira é uma imagem tipicamente joanina no Novo Testamento. João inspira-se provavelmente numa tradição do Antigo Testamento que contempla Israel sob a imagem da vinha, conforme Isaías 5, 1-7, que afirma a casa de Israel como a vinha do Senhor dos exércitos, plantada em costa fértil, que deveria produzir bons frutos no tempo certo. João faz uma mudança radical. A videira não é Israel, o povo de Deus, mas o próprio Jesus; a ideia dos ramos faz uma ligação lógica e concreta à relação do novo povo de Deus com o Enviado do Pai. A imagem da “videira”, como a imagem do “rebanho” são imagens que expressam ideias de coletivo. Assim

¹⁶⁹ Cf. Jo 10, 3 e Ez 34, 13; Jo 10, 9b e Ez 34, 13b; Jo 10, 9c e Ez 34, 14, in J. C. NEVES, *op. cit.*, p. 101; B. S. SANTOS, *op. cit.*, 166-167.

¹⁷⁰ “Nem considerais que nos convém que um homem morra pelo povo, e que não pereça toda a nação. Ora ele não disse isto de si mesmo, mas, sendo o sumo-sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus devia morrer pela nação. E não somente pela nação, mas também para reunir em um corpo os filhos de Deus que andavam dispersos” (11, 50-52).

¹⁷¹ Cf. B. S. SANTOS, *Teologia do Evangelho de São João*, *op. cit.*, 168-169.

como a imagem do corpo de Cristo que é coletiva e comunitária¹⁷². De facto, o símbolo da videira é considerado como a versão joanina da imagem paulina do “corpo de Cristo”. Tais imagens realçam a união orgânica entre a comunidade crente (os discípulos) e Cristo. João, todavia, insiste especialmente na união necessária de cada um com Cristo, na relação de amor com Jesus, como necessidade intrínseca da Igreja, comunidade dos crentes. João não visa os carismas como Paulo¹⁷³, mas tem em vista “um *status* básico em que a vida é recebida por todos”¹⁷⁴. O que preocupa o evangelista é o facto de não poder haver Igreja, comunidade crente, sem uma conexão íntima e profunda com o Senhor, a verdadeira Vide. A sua única intenção, bem mais do que salientar a unidade da Igreja e dos seus membros, ainda que ligados a Cristo-cabeça, é de sublinhar a união da Igreja a Cristo¹⁷⁵.

e) A Túnica Inconsútil (cf. Jo 19, 23-24): também a túnica indivisa de Cristo é sem dúvida uma imagem joanina da Igreja. A túnica era sem costura, tecida como uma só peça, de alto a baixo. Ao fornecer tal descrição pormenorizada sobre aquela túnica o autor deixa entrever um forte simbolismo da unidade da Igreja. A dúvida reside, no entanto, se o autor teve ou não esta intenção. Contudo, há pistas concretas que levam a crer que sim. Na literatura bíblica, por exemplo, a veste rasgada era símbolo de cisão ou separação do povo de Deus (cf. 1Rs 11, 29-31). Como a túnica não foi rasgada a ideia da unidade permanece. Segundo a perspetiva teológica joanina, a Igreja nasce do Calvário, na unidade dos corações de Cristo, da Mulher da Aliança, Maria, e do Discípulo amado¹⁷⁶. A Igreja nasce assim da união da comunidade crente com o seu Senhor e Deus.

f) A rede de Pedro (cf. Jo 21, 1-14): de importância central surge o tema do “primado” de Pedro, em João 21, 15-17, antecipado pela imagem da rede, com os 153 grandes peixes, que não se rompeu. O ministério universal de pastor de Pedro, que vai sendo compreendido de

¹⁷² Cf. J. C. NEVES, *Escritos de São João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, 101.

¹⁷³ Cf. B. S. SANTOS, *Teologia do Evangelho de São João*, op. cit., 169-171.

¹⁷⁴ R. E. BROWN, *As Igrejas dos Apóstolos*, Paulinas, São Paulo, 1986, 114.

¹⁷⁵ Cf. R. E. BROWN, *Introduzione al Vangelo di Giovanni*, Editrice Queriniana, Brescia, 2007, 244.

¹⁷⁶ Cf. B. S. SANTOS, *Teologia do Evangelho de São João*, op. cit., 171-174.

maneira progressiva, aqui encontra o seu fundamento. Tal ministério está ao serviço da unidade do rebanho do Senhor. Pedro recebeu a incumbência de representar o Senhor¹⁷⁷, de apascentar o Seu rebanho. A rede, que não se rompe, converte-se num símbolo da Igreja universal. Esta será sempre íntegra e una, ainda que composta por homens frágeis¹⁷⁸, como Simão, filho de Jonas, que ama o Senhor com um amor de amizade e frágil, mas que aceita a missão de apascentar as ovelhas do Senhor.

Com estas imagens o evangelista não quer outra coisa senão afirmar e apontar a relação íntima e concreta que existe entre a Igreja, os crentes, e Jesus. João acentua a ideia da nova comunidade de Deus, o novo Israel, fundada por Jesus, através do que entende por discipulado e através destas simbologias eclesiais¹⁷⁹. A essência da Igreja reside justamente na dinâmica da fé vivida intrinsecamente no que significa o discipulado. Assim como para a Igreja hoje “*evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade*” (*Evangelii Nuntiandi*, 14), para João a identidade mais profunda da Igreja reside na sua intimidade e relação, pela fé, com Cristo, o Envidado do Pai que pelo Seu Espírito, envia a Igreja ao mundo para anunciar: “vimos o Senhor”.

4.2 – A Igreja e o Mundo

Uma realidade bem vincada no Evangelho de João é o confronto entre os discípulos e o mundo (cf. Jo 15, 18-21; 16, 20). Mas para compreendermos esta contraposição, torna-se necessário compreender qual a visão que o evangelista tem de “mundo”, quando usa o vocábulo “*kosmos*”, para então consideramos a sua relação com a comunidade crente.

João usa o termo “*kosmos*” dando a entender três significados distintos:

¹⁷⁷ Cf. J. C. NEVES, *Escritos de São João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, 102.

¹⁷⁸ Cf. B. S. SANTOS, *Teologia do Evangelho de São João*, op. cit., 175.

¹⁷⁹ Cf. Idem, 157.

a) “Mundo”, significa primeiramente o conjunto das coisas criadas. O mundo foi criado por Deus através do seu *Logos* (cf. Jo 1, 3.10; 17, 5.24). Por exemplo, na expressão “este mundo” está patente a caducidade do mundo¹⁸⁰. Em contrapartida, João jamais usa o mesmo vocábulo para se referir à nova realidade escatológica, a realidade incorruptível que os cristãos aguardam.

b) Por outro lado, João também utiliza o termo, numa teoria cosmológica, fazendo-o significar a morada dos homens e o panorama da história humana. O homem vem a este mundo (cf. Jo 1, 9; 16, 21). O Messias e o Profeta devem vir a este mundo (cf. Jo 6, 14; 11, 27). O próprio Jesus afirma que veio a este mundo (cf. Jo 3, 19; 18, 37), que foi enviado ao mundo (cf. Jo 3, 17; 17, 18) e que volta a deixar o mundo (cf. Jo 13, 1; 16, 28). Assim, o mundo é o espaço, o lugar onde acontece a História da Salvação, onde Jesus se apresenta como o Enviado e o Revelador do Pai.

c) E, por fim, João apresenta o termo como o conjunto dos homens incrédulos que não reconheceram Jesus como o filho de Deus e Salvador universal dos homens. Assim, este mundo preferiu as trevas, odeia Jesus, vive na incredulidade, perseguem o Mestre e quer matá-lo (cf. Jo 5, 16.18; 11, 45-54). Nesta perspectiva, pertencer ao mundo significa ter uma atitude aberta de oposição ao mundo de Deus e a Jesus. Este mundo é uma potência maléfica que se identifica com o próprio demônio, por isso este é chamado de “príncipe deste mundo” (cf. Jo 12, 31; 16, 11). Mas Jesus vence o mundo, supera-o em poder e julga o demônio (cf. Jo 14, 30; 16, 11), ainda que não tenha vindo para condenar o mundo mas para salvá-lo (cf. Jo 3, 16-19)¹⁸¹.

Esta última visão do mundo, como força demoníaca que luta contra Jesus e contra os que n’Ele acreditam, é a que mais é usada no Evangelho joanino (cf. Jo 15, 18-25). Perante esta realidade, a Igreja, a comunidade crente dos discípulos, deve ter consciência de que a

¹⁸⁰ Cf. Jo 8, 23; 9, 39; 11, 19; 12, 25.31; 13, 1; 16, 11; 18, 36.

¹⁸¹ Cf. B. S. SANTOS, *Teologia do Evangelho de São João*, op. cit., 176-177.

única realidade que vence o mundo diabólico, divisor, é a fé em Cristo (cf. Jo 17, 6-8.11.14-15). Outro dever é o testemunho firme da fé, apesar do ódio e das perseguições por parte do mundo incrédulo¹⁸². Aqui, nota-se que João não ignora a dimensão missionária da Igreja. Na oração sacerdotal de Jesus (cf. Jo 17) está clara uma teologia missionária. Ainda que só no versículo 18 apareça o tema da missão ao mundo, o que vem anteriormente está ordenada para a missão (17, 1b-16) e o que se segue são as consequências da missão, porque outros irão acreditar em Jesus por meio da Palavra anunciada pelos discípulos (cf. Jo 17, 20-26)¹⁸³.

Posto isto, o Evangelho, ainda, deixa claro que existem condições ulteriores que devem ser assumidas pelos discípulos, pela Igreja, a comunidade crente, para que a Missão do Filho, o Enviado do Pai, continue através do discipulado. É preciso que o dinamismo da fé, amplamente acentuado neste trabalho, seja vivido. Os discípulos devem acolher e observar a palavra de Jesus, o Filho, que não proclama senão a palavra de vida que vem do Pai; devem reconhecer em Jesus o próprio Deus. Ele é o Enviado do Pai e n'Ele encontra-se a salvação plena e indestrutível (cf. Jo 17, 8). Portanto, a comunidade dos discípulos, a Igreja, é formada pelos que acreditam no Enviado do Pai e são santificados na palavra do Pai que é a verdade (cf. Jo 17, 17). Assim, a continuação da missão de Jesus (cf. Jo 17, 18) depende da fidelidade à revelação salvífica que Ele deu à comunidade. Em suma, reside no dinamismo da fé, próprio do discipulado cristão. É dentro deste prisma e desta realidade unitária, fé e discipulado, que a relação da comunidade crente com o mundo é caracterizada pela dinâmica do envio a toda a humanidade para proclamar a salvação realizada pelo Filho de Deus. O dualismo Igreja e mundo está em função do Revelador, o Enviado do Pai, que, através da sua vida terrena, da sua morte e glorificação, subtrai o homem do mundo das trevas dando-lhe a luz da verdade e da vida¹⁸⁴.

¹⁸² Cf. Jo 7, 7; 15, 18 – 16,4; 17, 14.18.20-21.

¹⁸³ Cf. B. S. SANTOS, *Teologia do Evangelho de São João*, op. cit., 177-178.

¹⁸⁴ Cf. B. S. SANTOS, *Teologia do Evangelho de São João*, op. cit., 178-179.

4.3 – Discipulado e Fé na Igreja hoje, no dinamismo da unidade

Para o cristão de hoje a experiência com Jesus Ressuscitado, que desperta e fundamenta a fé, é dom e graça. A iniciativa é do Senhor¹⁸⁵. Ele toma a iniciativa da unidade. Ele, na oração sacerdotal, acima referida, reza para que se realizem entre os discípulos aquelas relações análogas entre Ele e o Pai. Assim, a unidade entre os discípulos é nada mais que a continuação da unidade do Pai e do Filho na obediência da fé à revelação histórica de Jesus¹⁸⁶. Esta unidade dá-se a partir da experiência com o Ressuscitado. E é justamente esta realidade, intrínseca do processo da fé e do discipulado, a união em Deus Pai e Deus Filho, no Espírito Santo, e a união entre os crentes, que deve fundamentar a presença da Igreja hoje no mundo.

Cabe, pois, à Igreja, unida a Cristo e unida em Cristo, reunida fraternalmente, ser presença soteriológica no mundo, para conduzir todos os homens à fé em Jesus. Ele fundou a comunidade crente, a Igreja, no ágape e na unidade¹⁸⁷. Ela não pode seguir outro caminho senão o da união intrínseca com o Pai e com Jesus e o da unidade entre os crentes, no Espírito Santo, e isto identifica a Igreja como comunidade crente. Pelo Espírito Santo, todos os batizados são chamados a crescer como evangelizadores. Em todos, atua a força santificadora do Espírito que impele a evangelizar. Todo o discípulo de Cristo é um sujeito ativo de evangelização¹⁸⁸. E isto faz a Igreja ser presença de Cristo.

Como já vimos, Jesus aparece aos discípulos, que depois anunciam a sua Ressurreição com a expressão “vimos o Senhor”, que indica bem mais conhecer e experimentar que o “ver” propriamente dito. Não diferentemente hoje, no dinamismo da fé, o Ressuscitado vai ao encontro do crente na sua situação pessoal atual¹⁸⁹. A Igreja de hoje precisa viver do encontro com o Ressuscitado, precisa viver de uma constante permanência n’Ele. Estão abertas para a

¹⁸⁵ Cf. J. SOBRINO, *La fé en Jesucristo. Ensayo desde las victimas*, Editorial Trotta, Madrid, 2007, 95.

¹⁸⁶ Cf. B. S. SANTOS, *Teologia do Evangelho de São João*, op. cit., 179.

¹⁸⁷ Cf. B. S. SANTOS, *Teologia do Evangelho de São João*, op. cit., 180.

¹⁸⁸ Cf. FRANCICO, Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, Paulinas, Prior Velho, 2013, 85-86.

¹⁸⁹ G. RAVASI, *Segui-l’O no caminho*, Paulus, Lisboa, 2014, 44.

Igreja todas as portas que proporcionam esse encontro. Os sacramentos, por sublime exemplo, são vias importantíssimas de encontro e intimidade com o Senhor. Por estas vias, a Igreja vive a profundidade da relação e do encontro. Na vivência dos Sacramentos a Igreja vive a unidade. Pela força do Sacramento, em especial o da Eucaristia, a Igreja é chamada a viver a caridade, no lava-pés da vida.

Na Eucaristia nota-se, portanto, que outra via imprescindível de encontro é a da caridade. No exercício da caridade, a Igreja de hoje vive a profundidade da sua relação com o Senhor e da sua relação-união com os que acreditam em Cristo. E, mais ainda, no exercício da caridade a Igreja testemunha Cristo vivo e anuncia-O a quantos de coração aberto a Ele se convertem. Através da relação viva e direta entre quem transmite a fé e quem a acolhe, a Igreja visa levar, a quem deseja abrir o seu coração, a Cristo, a fim de que venha morar lá e transforme por dentro a vida através da celebração consciente e ativa dos sacramentos¹⁹⁰. Pelos sacramentos e pela caridade, a Igreja expressa profundamente a sua condição de ser, vivendo o dinamismo da unidade, na permanência e na profundidade do encontro com Cristo.

Conclusão

Compreendemos neste capítulo que o desejo último e profundo de Jesus, em relação à Igreja, comunidade crente, segundo a visão joanina, é o da unidade. Esta unidade é gerada nos meandros da fé.

O crente é aquele que se encontrou com o Senhor Ressuscitado e que n'Ele vive em unidade com todos os que n'Ele acreditam. Assim, conclui-se que a Igreja tem por fundamento a sua união a Jesus e o seu dinamismo de Corpo do Senhor, Rebanho de Cristo, ramos que permanecem na Verdadeira Vide.

¹⁹⁰ B. FORTE, *Eis o Mistério da Fé, Crer, viver, testemunhar*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2012, 29.

Contudo, a Igreja não pode estar fechada em si mesma, como alertou o Papa Francisco; ela deve estar sempre “em saída” (*Evangelii Gaudium*, 20). Na força do Espírito, para ser o que realmente é, a Igreja precisa de evangelizadores com Espírito. Isto é, evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo. A Igreja precisa ainda de evangelizadores que rezam e trabalham. Ela precisa de evangelizadores que viveram a experiência de se sentirem salvos por Jesus e que se sentem impelidos a amá-lo cada vez mais¹⁹¹.

¹⁹¹ Cf. FRANCISCO, Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, Paulinas, Prior Velho, 2013, 171-174.

CONCLUSÃO

Fé e discipulado são dois pilares que sustentam a Igreja. Ela, na verdade, vive da fé em Cristo e o que a identifica mais profundamente é a sua missão de Evangelizar: *“Evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade”* (*Evangelii Nuntiandi*, 14). É, por conseguinte, graça, visto que lhe foi concedida a experiência com o Ressuscitado, e vocação, porque a vivência da fé de cada discípulo e de toda a Igreja, fundamenta e fomenta a sua missão.

Desde o princípio a Igreja é chamada à comunhão com Cristo e a anunciar o Evangelho. A propagação da fé cristã é, antes de mais, o anúncio de Jesus Cristo, para conduzir a humanidade à fé n'Ele. Assim, no coração daquele que acredita em Jesus tem de pulsar o desejo íntimo do anúncio do Senhor. Lembra-nos, acentuando este prisma, o Catecismo da Igreja Católica (§ 425), que os primeiros discípulos traziam no coração o ardente “desejo de anunciar Cristo”. Testemunha disto é a citação dos Atos dos Apóstolos: *«Quanto a nós, não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos.»* (*At 4, 20*). A própria comunidade joanina confirma, por sua vez, convidando, os homens de todos os tempos, a entrar na alegria da sua comunhão com Cristo: *«o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos e as nossas mãos tocaram relativamente ao Verbo da Vida, (...) isso vos anunciamos, para que também vós estejais em comunhão connosco. E nós estamos em comunhão com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo. Escrevemo-vos isto para que a nossa alegria seja completa.»* (*1 Jo, 1, 1-4*). Assim, a Igreja, e cada discípulo de Cristo, deve anunciar Jesus. Esta sua missão nasce do facto de ter assumido verdadeiramente as exigências do batismo que recebeu e, através dele, a graça e a vocação concedidas como obrigação que lhe é própria. O discípulo, ao anunciar o Ressuscitado, o Enviado do Pai, fá-lo como um mandato do Senhor, que o enviou e continua a enviar em missão a Igreja, que é a comunidade dos crentes, os discípulos de Jesus.

No Evangelho de João vimos que Fé e discipulado não se tratam de ideias abstratas e desligadas. São realidades concretas na vida daquele que se encontrou com Jesus e que O (re)conheceu como Senhor e Deus. Por este prisma, até porque não há outro, não pode existir um discípulo sem fé e uma fé verdadeira sem a vivência do discipulado. Pelo contrário, a fé joanina é antes um “crer” ativo e uma adesão estruturante da condição de ser do discípulo. O discipulado, por seu lado, não desligado do crer, não é outra coisa senão o exercício da fé.

Se o discípulo é o que crê em Jesus e o crente é aquele vive o discipulado, assim, este dinamismo, por sua vez, é uma adesão estruturante da vida, uma relação de intimidade com o Ressuscitado, um conhecimento da sua realidade mais intrínseca, um impulso de identificação com a Sua pessoa, e, por último, e não menos importante, um assumir a Sua missão, continuá-la, ser Sua testemunha. Eis aqui a atualidade da mensagem do Evangelho de João. A Fé e, conseqüentemente, o discipulado, assumidos pela comunidade crente donde surge o Evangelho de João, é a mesma realidade para todo aquele que acreditou no que foi escrito pelo autor do quarto Evangelho.

O crer que João revela, como vimos no primeiro capítulo e confrontámos no capítulo seguinte, é uma realidade que estrutura a vida daquele que se encontrou com Jesus, que contemplou a sua glória, que viu os seus sinais, que não tinha mais para onde ir senão caminhar com Aquele que tem palavras de vida eterna. Assim, ser discípulo é viver na intimidade que se deixa notar na unidade que se forma pela fé em Cristo. Por sua vez, a vivência da fé e do discipulado tem como modelo mais puro a relação de intimidade entre o Filho e Pai. A unidade entre Eles gera e fecunda a unidade dos crentes, unidos ao Pai e ao Filho e unidos entre si.

A estrutura do discipulado, apresentada nesta dissertação, quer leva-nos a compreender a necessidade da comunhão da Igreja de hoje com o mesmo Cristo Ressuscitado nela presente. A Igreja não pode descurar desta unidade. Quanto mais unida ao Senhor, como o ramo que permanece na Videira, mais a Igreja, comunidade de discípulos, vai dar frutos.

Este “*permanecer na Palavra*” do Senhor, tão vincado no Evangelho de João, é a garantia do bom êxito da Missão. Como nos afirma o Catecismo da Igreja Católica (§ 1724), “*fecundados pela Palavra de Cristo, pouco a pouco, damos frutos na Igreja para a glória de Deus*”.

Hoje, mais que nunca, todos os batizados precisam assumir a preponderância e a eficácia da fé em Cristo, que os impele à aventura da semelhança com o Mestre, o Enviado do Pai, que não quer perder nenhum daqueles que o Pai Lhe deu (Cf. Jo 6, 39). Sem a fé é impossível agradar a Deus e quem se aproxima d’Ele tem de acreditar que Ele existe e recompensa aqueles que o procuram (Cf. Heb 11, 6). Neste sentido, a fé é uma mais-valia para a vida do discípulo, pois a sua recompensa está no Senhor. O discípulo tem portanto como herança continuar a missão do Mestre no *hic et nunc* da salvação para, com Ele, assumir a vida eterna na Igreja celeste.

BIBLIOGRAFIA

Fontes

- BÍBLIA SAGRADA, *Para o terceiro milénio da Encarnação*, Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima, Maio 2000.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, 2ª Edição, Coimbra 1999
- CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Sobre Decreto o Ministério e a Vida dos Sacerdotes (Presbyterorum Ordinis)*, Editorial A. O., Braga, 1992
- CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Sobre o Mistério da Igreja (Lumen Gentium)*, Editorial A. O., Braga, 1992
- FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, - *A luz da Fé*, Paulus, Lisboa, 2013
- FRANCISCO, *Exortação Apostólica A Alegria do Evangelho*, Paulinas, Prior Velho, 2013
- NESTLE-ALAND, NOVUM TESTAMENTUM, *Graece et Latine*, Editio XXVII, Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, 1984

Instrumentos de Trabalho

- KITTEL, G., *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, Vol VIII, Fascicolo 1º, Paideia, Brescia, 1972
- MONLOUBOU, L.; BUIT, F. M. DU., *Dicionário Bíblico*, Vozes, 2ª Edição, Aparecida, 2003.

Estudos

- ALVES, M. I., *Ressurreição e Fé Pascal*, Edições Didaskália, Lisboa, 1991
- BARROS, C. DE., *Doze homens e uma Missão*, Editora Luz e Vida, Curitiba, 1999

- BENTO XVI, *A alegria da Fé*, Paulinas, Prior Velho, 2012
- BORTOLINI, J., *Como ler o Evangelho de João. O Caminho da Vida.*, Paulus, 11^a Edição, São Paulo, 2014
- BROWN, R. E., *A Comunidade do Discípulo Amado*, Paulus, São Paulo, 2003
- BROWN, R. E., *As Igrejas dos Apóstolos*, Paulinas, São Paulo, 1986
- BROWN, R. E., *El Evangelio según Juan, XIII - XXI*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1979
- BROWN, R. E., *Introduzione al Vangelo di Giovanni*, Editrice Queriniana, Brescia, 2007
- DODD, C. H., *Il fondatore del cristianesimo*, Editrice Elledici, Torino, 2007
- DODD, C. H., *Interpretación del cuarto evangelio*, Ediciones Cristandad, Madrid, 2004
- DODD, C. H., *La Tradición Histórica en el Cuarto Evangelio*, Ed. Cristiandad, Madrid, 1978
- FISICHELLA, R., *A fé como resposta de sentido. Abandonar-se ao Mistério*, Paulinas, Prior Velho, 2006
- FORTE, B., *Eis o Mistério da Fé, Crer, viver, testemunhar*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2012
- GASS, B., *Uma introdução à Bíblia. As comunidades cristãs da primeira geração*, Paulus, São Paulo, 2005
- GRUN, A., *Jesus, porta para a vida, O Evangelho de João*, Edições Loyola, São Paulo, 2008
- JAUBERT, A., *Cadernos Bíblicos, Para ler o Evangelho de S. João*, Difusora Bíblica, Lisboa, 1994
- JOSAPHAT, *O Evangelho da unidade e do amor*, Livraria Duas Cidades, São Paulo, 1966

- KASPER, W., *El Dios de Jesucristo*, Sígueme, Salamanca, 2005
- KONINGS, J., *Evangelho segundo João. Amor e fidelidade*, Edições Loyola, São Paulo, 2005
- LÉON-DUFOUR, X., *Lectura del Evangelio de Juan. Jn 5 – 12*, Vol. II, Sígueme, Salamanca, 2000
- LÉON-DUFOUR, X., *Lectura del Evangelio de Juan. Jn 1 – 4*, Vol. I, Sígueme, Salamanca, 2001
- LÉON-DUFOUR, X., *Lectura del Evangelio de Juan. Jn 18 – 21*, Vol. IV, Sígueme, Salamanca, 2001
- LÉON-DUFOUR, X., *Lectura del Evangelio de Juan. Jn 13 – 17*, Vol. III, Sígueme, Salamanca, 2004
- LOURENÇO, J., “Itinerários Bíblicos da Fé”, in AA. VV, *A Fé da Igreja*, Paulus, Lisboa, 2014
- MARTINI, M., *Liberdade que se dá*, Gráfica de Coimbra, Assafarge, 1997
- MUNARI, T., *Uma Mãe para o homem do terceiro milénio*, Paulus, Apelação, 2002
- NEVES, J. C., *Escritos de São João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004
- O’GRADY, J. F., *According to John. The witness of the beloved disciple*, Paulist Press, New Jersey, 1999
- POTTERIE, I. de la, «“Oida” e “gnosko”. I due modi del “conoscere” nel quarto vangelo», in Id., *Studi di cristologia giovannea*, Genova, 1986
- POTTERIE, I. de la, *Lo sguardo e la memoria da I. de la Potterie, Storia e mistero, Esegisi cristiana e teologia giovannea*, Ed. SEI, Torino, 1997
- RAMOS, M. C., «Maria, modelo de acolhimento à Palavra», XXXII Semana Bíblica Nacional, Difusora Bíblica, *A Palavra de Deus na vida e na Missão da Igreja*, Gráfica de Coimbra, Outubro, 2009
- RAVASI, G., *Segui-l’O no caminho*, Paulus, Lisboa, 2014

- REYNAL, G., *Crer em Jesus Cristo. Os caminhos da fé*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1997
- RODRIGO, J. A. G., *El Cristo de la fé frente al Cristo de la ética, Diálogo com José António Maria a propósito de su libro Por qué soy Cristiano*, Secretariado Trinitário, Gráficas Cervantes, Salamanca, 2007
- SANTOS, S., *Fé e sacramentos no Evangelho de São João*, Editora Santuário, Aparecida, 1995
- SANTOS, S., *Teologia do Evangelho de São João*, Editora Santuário, Aparecida, 1994
- SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio según San Juan, Versión y Comentario, II*, Herder, Barcelona, 1980
- SESBOUÉ, B., THEOBALD, C., *História dos Dogmas, Tomo 4, A Palavra da Salvação, séculos XVIII – XX*, Edições Loyola, São Paulo, 2006
- SOBRINO, J., *La fé en Jesucristo. Ensayo desde las victimas*, Editorial Trotta, Madrid, 2007
- TUÑI, J-O. - ALEGRE, X., *Escritos joánicos y cartas católicas*, Editorial Verbo Divino, Navarra, 2003
- UBIETA, C. B., “Os discípulos de Jesus”, in S. G. Oporto (coord), *Actualidade Bíblica*, Difusora Bíblica, Fátima, 2004
- VALENTE, G., *Il Rimanere per crescere. Intervista a padre Ignace de la Potterie. Da Il cristianesimo invisibile. Attualità di antiche eresie*, Ed. SEI, Torino, 1997
- VANCELLS, J.-O. T., *Jesús y el evangelio en la comunidad juánica. Introducción a la lectura cristiana del evangelio de Juan*, Sígueme, Salamanca, 1987

SIGLAS

- 1 Jo..... Primeira Carta de João
- 2 Cor..... Segunda Carta aos Coríntios
- At..... Atos dos Apóstolos
- Cf.....Confrontar
- Dt..... Deuterónimo
- Heb..... Hebreus
- Jo..... João
- Op. Cit..... Obra citada